



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

Especialização: Animação Sócio-Religiosa

ANABELA DE FÁTIMA RODRIGUES MENDES NOGUEIRA COSTA

EDUCAÇÃO DOS VALORES:

A Educação Moral e Religiosa Católica entre a Família e a Escola

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor João Duque

BRAGA – 2011

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	3
CAPÍTULO I – VALORES.....	6
a) Noção de valor.....	6
b) Modelos de transmissão de valores.....	6
c) Situação atual.....	8
Capítulo II – UMA VISÃO SOBRE A FAMÍLIA DE HOJE.....	11
a) Terminologia.....	11
b) Perspetiva histórica.....	11
c) Transformações contemporâneas.....	13
CAPÍTULO III – EDUCAR VALORES NA ESCOLA.....	18
a) Função da escola.....	18
b) Escola – campo de ação.....	19
c) Problemáticas.....	23
CAPÍTULO IV – A EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA.....	25
a) Perfil do professor de EMRC.....	25
b) As aulas de EMRC.....	26
CAPÍTULO V – VÁRIOS RISCOS.....	31
CAPÍTULO VI – CONFRONTAÇÃO COM A REALIDADE.....	34
a) Metodologia.....	34
b) Aplicação das entrevistas.....	35
c) Forma de administração.....	36
d) Estrutura.....	36
e) Dados relevantes sobre as turmas entrevistadas.....	37
f) Análise de dados.....	40
f.1) Análise quantitativa.....	40
f.2) Análise qualitativa.....	44
g) Interpretação dos dados.....	49
CAPÍTULO VII – REFLEXÃO: FAMÍLIA – ESCOLA – SOCIEDADE.....	52
CAPÍTULO VIII – CONCLUSÃO.....	55
BIBLIOGRAFIA.....	56

Introdução

A sociedade atual está em constante mudança. Muitas são, hoje em dia, as exigências propostas, para que os adultos estejam mais atentos aos jovens e adolescentes que estão também, em constante mutação.

Mais do que pretender criticar ou desvalorizar a sociedade onde estamos inseridos, nesta reflexão que apresento, tentarei conhecer melhor o meu campo de trabalho, o papel das famílias na educação dos jovens e estabelecer algumas metas de ação para produzir mais e melhores resultados profissionais e pessoais. Tentarei fazer uma abordagem da disciplina de EMRC na escola e refletir acerca do seu contributo específico, para a formação do ser humano, e das suas vantagens no sistema educativo.

Abordarei, essencialmente e como principal meta deste trabalho, os valores como algo necessário a ser refletido, pois fazem parte deste universo tão vasto que é constituído pela família e pela escola.

No primeiro capítulo, faço algumas constatações acerca dos valores. A escala de valores dos adolescentes parece muitas vezes invertida. No entanto, considero que é mais importante, neste sentido, ajudar os adolescentes a compreenderem-se, em primeiro lugar e a identificarem-se de acordo com os modelos que lhes são propostos. Aí sim, muitas vezes esta escala está invertida, porque os adultos alteram as suas posições na vida, são abalados nas suas convicções e por isso os adolescentes confundem-se.

No segundo capítulo, tentei fazer um enquadramento do mundo em que estou inserida, contando que esse é o mesmo em que os adolescentes e jovens com quem trabalho também se encontram. Apresento uma breve perspetiva histórica e faço uma breve apresentação das famílias de hoje, sabendo de antemão que não são regra e que há uma inúmera variedade de tipos de famílias. No entanto, procurei ser fiel ao que observo no dia a dia, no contacto direto com os alunos. Se o indivíduo não é estático, as famílias também não o são.

Num terceiro capítulo, apresento uma pequena reflexão acerca da escola. Qual o seu papel na educação dos adolescentes e jovens hoje, se assume ou não o papel da família, tentando colmatar o que a família não faz, nomeadamente no que diz respeito às regras, aos valores, às atitudes, aos projetos de vida. A escola como educadora é cada vez mais parceira

na educação; a família deixou de ser socializadora primária, em muitas situações, logo teve que ser a escola a tomar para si essa função.

No quarto capítulo, abordo essencialmente o papel da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica nas escolas. Qual o perfil que um professor deve ter, sabendo desde o princípio que, como seres humanos que são, são sujeitos falíveis, marcados pelos problemas da sociedade em que se inserem. É-lhes exigido, muitas vezes, um esforço superior ao dos docentes de outras disciplinas, pois o trabalho não exige apenas a proposta de conteúdos mas a proposta de chaves de leitura da vida, da religião, da escola, da família, da sociedade.

No capítulo cinco, faço uma confrontação com a realidade, ou seja, fiz cerca de quarenta e quatro entrevistas a dois grupos distintos de alunos: um grupo-turma do quinto ano e outro do oitavo ano. Desde logo, considero que foi muito interessante realizar estas entrevistas, porque os alunos surpreendem-nos muitas vezes nas suas respostas.

Cheguei a conclusões, que para mim, poderiam ser pressupostos, mas também tirei algumas conclusões novas, essencialmente sobre o meu trabalho na escola e sobre o modo como me veem os alunos.

No sexto capítulo e como uma necessidade inerente a este trabalho, fiz uma pequena reflexão sobre o ser cristão e as suas responsabilidades, mas também acerca da Igreja de hoje, o seu papel no mundo e a necessidade, cada vez mais emergente, que o Homem tem de se relacionar com Deus.

No sétimo capítulo e ao aprofundar alguns dos temas atrás referidos, pareceu-me bem refletir acerca dos riscos que corremos, ao termos adolescentes e jovens em famílias descaracterizadas, que não os preparam para a resiliência; ou devido ao facto de serem formados em escolas que muitas vezes “vomitam” matérias e não dão espaço para cada um poder ser formado como futuro cidadão.

No capítulo seguinte procurei ligar os diversos temas, para que não parecessem assuntos isolados, que nada têm a ver uns com os outros. Pelo contrário, os diversos agentes não o são, sem os outros, não é possível falar de um, sem recorrer aos outros, só é possível refletir o indivíduo se o fizermos em todas as suas dimensões. Por isso, o último capítulo pretende ser a ligação de todos os outros, em alguns dos seus aspetos; porque este é um tema inacabado.

Contudo, esta reflexão precisou de ser alicerçada no que dizem vários autores acerca dos assuntos que abordei. Assim, realizei uma pesquisa bibliográfica variada, para que servisse de base e fundamento às minhas questões e inquietações, que tantas vezes foram

pouco aprofundadas ao longo do meu percurso profissional. Este trabalho não serve apenas para a conclusão do meu mestrado em Animação Sócio-Religiosa mas serviu, essencialmente, para fazer uma autoavaliação mais crítica e ponderada do meu percurso profissional, e para refletir um pouco mais acerca do meu eu enquanto esposa, mãe, professora e cristã.

I – Valores

a) Noção de valor

O que é um valor? “A palavra valor é difícil de definir, pois oscila entre o facto e o direito, entre o que se deseja e o que é desejável... o termo valor designará indistintamente quer as normas ou regras, quer os princípios, quer as interpretações desses princípios.”¹ Falar de valores não é consensual, pois cada um pode fazer a sua interpretação. O que diz alguém pode ser interpretado de diversas formas. “Valor vem do latim *valore*, que significa aquilo que vale alguma coisa e tem merecimento. O Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa diz que valor é aquilo que é valioso, que tem grande interesse e que é de grande qualidade.”² Não é pois fácil assumirmos apenas uma definição do que é um valor; o que é para um autor, poderá não o ser para outro.

Da minha parte, apenas retenho a ideia de que um valor é algo que guia as nossas ações, independentemente da escala que cada um define para a sua vida, ou da inversão que a sociedade muitas vezes faz, porque é composta por seres humanos.

b) Modelos de transmissão de valores

Antes de refletir especificamente sobre a importância dos valores, convém salientar que os valores são transmitidos pela educação e que o educando constrói a sua própria aprendizagem com o auxílio dos outros e do próprio ambiente onde está inserido. Importa referir que os educadores que acompanham os jovens são fundamentais para o processo educativo e que os valores são de extrema importância para a organização, se assim posso dizer, da estrutura intelectual de cada ser humano. “Tendo em conta que o Homem é um ser social, a educação tem, assim a tarefa de preparar cada indivíduo para se compreender a si mesmo e ao outro. Podemos dizer que compreender os outros, faz com que cada um se

¹ J. VAZ DE ANDRADE, *Os valores na formação pessoal e social*, p. 23.

² R. MARQUES, *Valores Éticos e Cidadania na Escola*, p. 15.

conheça melhor a si mesmo.”³ Os valores, que se transmitem pela educação, têm um papel preponderante para a vida em sociedade.

Não podemos descurar o papel importante que a família tem na transmissão dos valores; estamos constantemente a falar em crise da família e por isso em crise de valores. “A família perdeu influência enquanto sistema de socialização e de transmissão de valores. As crianças e jovens têm cada vez menos contacto com adultos capazes de influenciarem positivamente o desenvolvimento do seu carácter e do seu sistema de valores.”⁴ Os modelos que tentamos seguir são pois importantes, para o ensino dos valores.

Um primeiro modelo a apresentar foi elaborado por Kohlberg, de acordo com o que refere Marques, e aplica-se ao desenvolvimento psicológico. Segundo ele, há seis estádios no desenvolvimento da relação aos valores, que se podem resumir do seguinte modo: estágio 1 – orientação pela obediência e punição; estágio 2 – orientação egoísta, pois a ação concreta é aquela que satisfaz as necessidades do indivíduo; estágio 3 – orientação para a aprovação e para agradar os outros; estágio 4 – orientação para a manutenção da ordem e da autoridade; estágio 5 – orientação contratual legalista; e estágio 6 – orientação pelos princípios éticos. Podemos referir que “a teoria de Kohlberg é um dos exemplos significativos de uma teoria moral centrada na defesa de princípios éticos e preocupada com o desenvolvimento do raciocínio moral em vez da mera defesa das convenções sociais, regras de conduta e leis.”⁵

Um outro modelo que pode seguir-se intitula-se de «clarificação de valores». Com este método, encorajam-se as crianças a fazerem escolhas livres e a descobrir alternativas quando confrontadas com escolhas. “A finalidade é ajudar as crianças a clarificarem por si próprias, aquilo a que dão valor.”⁶ Este é um modelo que vigora, embora por vezes inconscientemente, nas escolas. Os professores, mais atentos, motivam os seus alunos para que eles próprios construam a sua escala de valores. É importante que os interpelem, que levantem questões para que eles descubram como guiar as suas ações e atitudes, a sua identidade e personalidade. No entanto, importa dizer que, sendo cada jovem um ser único, com a sua personalidade específica, não poderemos afirmar que isto seja suficiente para a transmissão de valores.

Já não conseguimos transmitir valores pela mera repetição. Os professores já não são modelos para grande parte dos adolescentes e jovens; por isso, temos que repensar como criar consciência da necessidade de uma escala de valores organizada e bem pensada.

³ AA.VV., *Educação, um tesouro a descobrir*, p.41.

⁴ R. MARQUES, *Ensinar valores: Teorias e Modelos*, p.32.

⁵ Id., p.100.

⁶ Id., p.109.

Também o modelo de «comunidade justa» pretende “fazer educação para os valores, não através de lições de moral, mas recomenda a discussão de dilemas morais e a participação na tomada de decisões.”⁷ Este modelo traz imensos riscos para as escolas, pois os diretores podem sentir-se ameaçados na sua autoridade, assim como os professores. Nem sempre os professores estão preparados e por isso colocam-se numa situação que seja mais confortável para eles, mas que pode ser um risco.

O professor convicto daquilo em que acredita propõe a sua experiência, sabendo que o mais importante não é que o aluno tenha a mesma escala de valores que ele, mas que saiba que há várias possibilidades, entre as quais a sua. De acordo com este modelo de comunidade justa, os professores ajudam o aluno neste processo. Sentir-se numa zona confortável não é o melhor, porque não ajuda na reflexão crítica constante que se deve fazer.

São vários os modelos que os autores procuram para a transmissão de valores. No entanto, convém que cada um faça as suas reflexões, para conseguir desenvolver adequadamente as competências que se espera que os alunos adquiram ao longo do seu percurso escolar. Pais e professores têm que ser parceiros na educação para os valores.

c) Situação atual

“Sem valores reais, não é possível falar de um valor, até porque nenhum valor tem já valor...”⁸ Começo esta pequena reflexão acerca dos valores, referindo que há uma necessidade que a nossa sociedade comece a refletir na sua escala de valores, que cada indivíduo aprenda e se questione acerca do que faz no seu dia a dia, como se posiciona em frente dos problemas, o que é mais importante.

As consciências mudam, assim como mudam as escalas de valores de cada um. Por isso, como pode a nossa sociedade não estar em constante mutação? E a escola? Os professores? Os alunos?

“Os valores têm como base servirem de guias para a acção.”⁹ Contudo, ignoramos muitas vezes a nossa consciência e a trocamos-la por interesses que só têm a ver com o que é material e supérfluo. Os valores não são hoje em dia guias para ação em diversas situações do quotidiano, apenas se encontram quando um interesse se sobrepõe a outros. Quando o

⁷ Id., p.112.

⁸ J. DUQUE e O. DUQUE, *Educar para a diferença*, p. 8.

⁹ J. VAZ DE ANDRADE, *Os valores na formação pessoal e social*, p. 23.

indivíduo está encurralado, num beco sem saída, recorre ao que esteve muitas vezes ausente e vem novamente ao de cima, tudo o que adquiriu ao longo de uma vida de ensino e de experiências. “É necessário obter conhecimentos e debater valores, por um lado e, por outro lado, mobilizá-los nas decisões que conduzem à acção.”¹⁰ A sociedade tem que ser confrontada com a necessidade de conhecer os valores e os debater, para que possam ser utilizados na tomada de decisões que vão emergindo. A ação deve ser ponderada e analisada, mediante todos os pontos de vista. Falta muitas vezes uma reflexão ponderada das diversas situações. “A crise de identidade e a ausência de sentido de continuidade histórica explica o aparecimento do fenómeno de "falta de sentido" que numerosos estudos atribuem à época actual.”¹¹

O autor parece ter razão quando refere esta falta de sentido da sociedade atual e por isso, esta inversão de valores a que assistimos. O indivíduo parece cada vez mais egocêntrico, o egoísmo substitui a alteridade, a mentira impera na maioria das vezes sobre a verdade, o mal tem mais poder que o bem, o fácil que o difícil. Se redirecionarmos os nossos esforços para a construção da identidade de cada indivíduo, sem querermos mudar a totalidade da sociedade, considero que o nosso contributo será mais frutífero.

“Na sociedade tradicional as identidades baseavam-se, sobretudo nos factores adscritos como o género, a raça, a etnia e a religião. Estes factores estão a perder capacidades socializadora e o seu significado está a sofrer alterações relevantes... a modificação mais importante diz respeito ao próprio processo mediante o qual, são elaboradas as identidades.”¹² O autor traça um rumo possível para a nossa sociedade: só é possível trabalhar os valores se, em primeiro lugar, conseguirmos trabalhar as identidades. Os nossos recursos são orientados não para o grupo, mas para o indivíduo, como lugar cimeiro de toda esta reflexão.

“Os valores são qualidades independentes do sujeito e de carácter absoluto que são desejadas e valoradas pelo indivíduo ou pelo grupo social.”¹³ Não é possível construir uma sociedade de cidadãos conscientes e honestos sem que ambos percebam que são necessários um ao outro. “Uma educação fundamental equilibrada deve produzir "homens completos" mais do que especialistas.”¹⁴ Esta é pois, uma necessidade urgente, a ser repensada. Importa construir uma sociedade onde todos tenham o seu valor e possam assumir o seu lugar de acordo com a sua especificidade. A sociedade depende das capacidades que cada um tem, trabalhando em prol do bem comum, para que seja justa.

¹⁰ J. VAZ DE ANDRADE, *Os valores na formação pessoal e social*, p. 24.

¹¹ J. TEDESCO, *O novo pacto educativo*, p. 49.

¹² Id., p. 87-88.

¹³ R. MARQUES, *Valores Éticos e Cidadania na Escola*, p. 16.

¹⁴ J. TEDESCO, *O novo pacto educativo*, p. 60.

“É o esclarecimento dos valores, a mobilização dos conhecimentos e a utilização das competências que permitem tomadas de decisão consistentes e racionais.”¹⁵ A família e a escola têm esta função: formar seres completos, para que possam ser seres úteis na sociedade. “Os valores brotam de experiências pessoais.”¹⁶ A escola e a família devem ajudar o adolescente a experienciar os valores na sua vida, com atitudes assertivas, encarando os problemas, refletindo nas possíveis decisões, para que ele próprio possa, em liberdade, definir a sua escala de valores. Ao longo dos anos, vão ser colocados em questão, mas o mais importante é que eles se encontrem nas opções do dia a dia.

“A autoestima é também determinada pelo prestígio dos elementos da identidade, porque muitas categorias são valorizadas socialmente... estas categorias estão ligadas a papéis sociais, idealizados com características específicas, que podem controlar o comportamento nas situações sociais.”¹⁷ Importa por isso referir que os educadores procuram valorizar positivamente a autoestima dos adolescentes. A tão falada confusão de papéis sociais deveria o quanto antes ser clarificada, para que cada um assuma o seu papel, na clarificação dos valores aos adolescentes e jovens. Mas, aos jovens cabe também descobrir quais os seus papéis na sociedade, na escola, na família, entre os seus pares.

Contudo, “os valores mudam a partir das necessidades, dos problemas e desafios, dos interesses e das referências que, tanto a nível pessoal, quanto a nível grupal, se impõem a uma determinada pessoa/sociedade. Deste modo, os valores ou sistemas de valores desejados impõem, aos membros de uma sociedade, a aspiração de vir a tê-los implementado nessa mesma sociedade. Temos assim, em termos sincrónicos, a coexistência e a conflitualidade de valores, a par da permanência e da ruptura face àquilo que se acha, num determinado tempo, axiologicamente estabelecido.”¹⁸ Esta é uma questão para a qual nós nunca poderemos ter uma resposta concreta ou pelo menos que seja absoluta, pois não depende dos agentes da educação, mas sim das pessoas.

¹⁵ J. VAZ DE ANDRADE, *Os valores na formação pessoal e social*, p. 27.

¹⁶ R. MARQUES, *Valores Éticos e Cidadania na Escola*, p.73.

¹⁷ M. NEUENSSCHWANDER, *Desenvolvimento e identidade na adolescência*, p. 124.

¹⁸ AA.VV., *Vida, Escola e Religião no imaginário juvenil*, p. 183.

II – Uma visão sobre a família de hoje

O modo como as profundas mudanças sociais acontecem, condicionam também as famílias. Antes de pensar em problemas mais concretos, é importante afirmar que hoje assistimos a uma certa confusão em relação ao modelo de família a que estávamos habituados.

a) Terminologia

Antes de tudo, convém referir que “a palavra *família* é de origem latina: apareceu em Roma derivada de *famulus*, que quer dizer servidor, mas não se aplica ao que entendemos actualmente por este termo. Na Roma Antiga *família* designava o conjunto dos escravos e dos servidores, mas também toda a *domus* (casa), isto é, todos os indivíduos que vivem sob o mesmo teto e os bens patrimoniais pertencentes a essa casa, numa hierarquia que mantinha, por um lado, o senhor e, por outro, a mulher, os filhos e os servidores, vivendo sob a sua denominação.”¹⁹ No entanto, procurando uma definição mais atual, “o que verdadeiramente caracterizava a família era o facto de os diversos membros habitarem o mesmo espaço”²⁰ ou então poderemos referir que a “família é uma comunidade de pessoas que vive em comunhão.”²¹ Deste modo, a família, como uma comunidade de pessoas, é a primeira sociedade humana.

b) Perspetiva histórica

Para analisar e refletir sobre as famílias de hoje, torna-se oportuno fazer uma breve retrospectiva histórica.

“A ideia da passagem da família tradicional, caracterizada por grupos domésticos extensos e complexos, à família restrita, que se vai acentuando desde o século XVI, em que o grupo de residência se limita à célula conjugal e aos filhos, era uma ideia corrente para muitos sociólogos.”²² No entanto, parece que já não é bem assim. “Se tivermos em conta a dimensão das famílias, estes estudos vieram revelar que a família restrita predomina desde a Idade

¹⁹ M. E. LEANDRO, *Transformações da família na história do ocidente*, p. 52.

²⁰ J.A. PEREIRA, *Nos e o mundo. Manual de Educação Moral Religiosa Católica*, p. 107.

²¹ J. PAULO II, *Carta as famílias*, p. 17.

²² *Id.*, p. 53.

Média numa grande parte da Europa. E se considerarmos a estrutura dos grupos domésticos, ou seja, a maior ou menor capacidade das formas de coabitação... fica claro, que vários e diferentes modelos familiares das formas de organização e de repartição da autoridade familiar coexistem na Europa do Noroeste.”²³

Ao longo dos anos, vários autores procuraram definir as várias formas que existem de famílias e podemos dizer que as tipologias são as mais variadas. “Sob o ponto de vista histórico, o que se pode dizer, ... é que desde muito cedo se verifica a coexistência de várias formas de família: a nuclear, a tronco, a alargada, a complexa e as famílias sem núcleo.”²⁴ Isto é, pois, um dado importante para poder analisar as famílias de hoje. O que parece estar em crise não é mais do que uma visão que vem já desde a Idade Média, dependendo da concepção que cada um tem da família. As alterações nas estruturas familiares, “acontece desde a Idade Média, daí que não se possa ter uma concepção evolucionista da família quanto às suas formas, isto é, a passagem de formas mais extensas e complexas para chegar enfim, à família nuclear formada pelo pai, a mãe e os filhos ainda não independentes, partilhando a mesma habitação, considerada mais perfeita e consonante com a modernidade.”²⁵

A sociedade está em mudança por isso, as famílias também estão constantemente a mudar: na sua constituição, na sua forma de estar em sociedade, na sua forma de atuar perante os problemas e os obstáculos que são constantes. “Por todo o lado, a família é uma instituição basilar a ponto de que, até ao presente, nenhuma sociedade consegue passar sem ela, apesar de todas as transformações e mesmo mutações, os pessimismos, os discursos sobre a crise da família e até de alguns considerarem que uma sociedade sem família é possível...”²⁶ A família tem diferentes estruturas, no que concerne ao número de membros que compõem o núcleo familiar e à relação de parentesco que estabelecem entre si. No entanto, “as famílias são estruturas dinâmicas. Uma família conjugal pode transformar-se rapidamente numa família extensa e vice-versa. De facto, a morte de um dos cônjuges ou filhos e os casamentos feitos e refeitos testemunham uma sociedade em constante mutação.”²⁷

Ao longo dos tempos, a família tem resistido a todos os ataques que lhe são constantemente feitos. A família é posta sempre em causa, mesmo quando os problemas, muitas vezes, não lhe dizem respeito. A própria concepção de família foi-se modificando ao longo dos tempos. “Mais do que *uma célula base* ou um *último refúgio*, contra as agressões

²³ J. PAULO II, *Carta às famílias*, p. 54.

²⁴ Id., p. 57.

²⁵ Id., p. 58.

²⁶ Id., p. 52.

²⁷ J. PEREIRA, *Nós e o Mundo*, Manual de Educação Moral Religiosa Católica, 6º Ano, p. 108.

externas, a família aparece como instituição flexível e persistente, logo que sejamos capazes de tomar alguma distância histórica.”²⁸ É pois importante, antes de mais, refletir se a escola está ou não preparada para estas mudanças nos paradigmas da família.

c) Transformações contemporâneas

Se, há uns tempos, poderíamos verificar que a maioria das famílias era constituída por pais e filhos, agora já não é bem assim. Há um aumento muito significativo das chamadas famílias monoparentais, das chamadas famílias “*Puzzle*”, ou seja, em que mãe e filho vivem com o companheiro da mãe, os filhos deste e ainda com os filhos dos dois; e temos ainda as chamadas famílias “*alternativas*”, que são os avós que tomam conta dos netos ou os tios dos sobrinhos, bem como as chamadas “*famílias de acolhimento*”.

Hoje, a família é olhada de outra forma, vive-se em constante confusão, os jovens já não encontram muitas vezes, nos pais, modelos com quem se identificam. Os divórcios já não escandalizam, os casamentos foram substituídos pelas uniões de facto, o compromisso do sacramento deu lugar a experimentações. “Com o aumento dos divórcios reaparecem, em grandes proporções, a família monoparental (7% segundo os censos de 2001) isto é, a que é formada apenas por um dos progenitores e a sua prole, ou mesmo o avô, a avó e os netos, e a família recomposta (11,8% segundo os censos de 2001) ou seja, a que não sendo original, é formada por um cônjuge que poderá ou não ter filhos. Mas ambos podem ter filhos e vir a ter novos filhos que resultam da sua união. Neste caso, estamos perante a coabitação de filhos de três proveniências familiares distintas. A complexidade aumenta ainda quando pensamos no leque de relações que terão que criar com as parentelas respectivas.”²⁹ A sociedade e o estado, não apoiam muitas vezes, estas famílias que se encontram em dificuldades.

“Com o aumento do desemprego, da pobreza e da exclusão social que muitas vezes lhe estão associadas, vai-se assistindo actualmente, a um aumento das famílias complexas, ou seja, aquelas que são formadas por dois núcleos familiares, inclusive os que integram apenas um dos progenitores e a sua prole.”³⁰ Os filhos vivem com a mãe e o companheiro desta, veem o pai de vez em quando, quando ele está disponível. A mãe é a conciliadora de casa, entre os filhos e o namorado e tenta estabelecer os limites para ambos. Desresponsabilizou-se a família e todos os elementos que a constituem. Cada um está por si.

²⁸ J. PAULO II, *Carta às famílias*, p. 57.

²⁹ Id., p. 57.

³⁰ Id., p. 57.

Os pais são vistos de outra forma. Perderam a autoridade? Tornaram-se mais amigos ou permissivos demais? Deve-se educar os filhos ou ensinar os pais a saber educar? Como responsabilizá-los? Como deixarem de ser vistos como os *velhadas*, os *retrógrados*, que não se adaptaram a esta nova realidade social em que estamos inseridos? Ou como deixarem de ser considerados os melhores amigos dos filhos, porque se renderam às suas ideias, aos seus ideais, deixando muitas vezes para trás os seus princípios e valores? Qual a nova linguagem?

Um pai e uma mãe não devem querer ser o melhor amigo do filho pois esse papel não é dele, um pai é um pai, uma mãe é uma mãe, cada um no seu lugar fazendo e responsabilizando-se pelo seu papel.

“Cada família, como templo e templo de felicidade, enriquecerá tanto mais o universo das famílias quanto mais cultivar a sua identidade.”³¹ Importa pois, que a família ajude os seus membros a descobrir a identidade pessoal de cada um para que possa cultivar a sua própria identidade.

Porquê tanta depressão infantil e juvenil? Porque vivem as nossas crianças amarfanhadas dentro de casa? Onde estão os tempos disponíveis para correrem, saltarem, para se sujarem na lama, interessa o menino não se sujar parece mal. Os pais entregam-nos aos cuidados das amas, têm amas a toda a hora. Não têm tempo para serem pais, quanto mais para educarem os filhos.

“Um ambiente familiar marcado pela empatia, carinho e amor pode preparar mais cedo a estrutura motivacional da criança para a compreensão dos pontos de vista e interesses comuns dos outros.”³² Mas como podemos exigir esta compreensão, tão importante às crianças, se vivem numa turbulência constante no seu dia a dia, de emoções e sentimentos, de revolta com o seu próprio ambiente familiar que muitas vezes não entendem? Há, muitas vezes, pequenos grandes heróis nas nossas famílias, crianças que sobrevivem dentro de uma casa cujo pai ou mãe são alcoólicos ou toxicodependentes, ou ambos, em casas onde tudo falta para se alimentarem ou vestirem, onde não há as mínimas condições de habitabilidade, de bem-estar e de conforto. Onde podem ir buscar o amor e a empatia? Como motivá-los para os interesses dos outros, se não encontram o essencial onde deve ser essencial?

“A família é a célula originária da vida social. É ela a sociedade natural em que o homem e a mulher são chamados ao dom de si no amor e no dom da vida. A autoridade, a estabilidade e a vida de relações no seio da família constituem os fundamentos da liberdade, da segurança, da fraternidade no seio da sociedade. A família é a comunidade em que, desde a

³¹ M. ALTE DE VEIGA, *Vida, Violência, Escola, Família*, p. 47-48.

³² R. MARQUES, *Valores Éticos e Cidadania na Escola*, p. 61.

infância, se podem aprender os valores morais, começar a honrar a Deus e a fazer o bom uso da liberdade. A vida da família é a iniciação à vida em sociedade.”³³

Antes de mais, é esta a consciência necessária para podermos de seguida falar da escola como socializadora secundária. As famílias descaracterizadas são constantemente o alvo das críticas, não sendo ajudadas por quem de direito. A escola não constrói cidadãos sozinha.

Que escola melhor de sociabilidade conhecemos senão a família? Quem melhor vive estas questões, levanta os problemas? Não é a sociedade o espelho das famílias? Onde aprendem os jovens a automatizarem-se senão na família, local emocional? Onde aprendemos os afetos?

As realidades são pessoas; pessoas que agem e por isso, os terrenos que observamos são passíveis de atividade. É nesta atividade que se inserem as famílias. As pessoas vão ao longo da vida, mudando a sua classificação dos valores, vão-se adaptando às circunstâncias da sociedade em que estão, vão-se transfigurando nas suas famílias. Os problemas são atuais: desemprego, falta de dinheiro, desmotivação, depressões. Não é por acaso, que se considera a depressão a doença do século.

“As alterações na composição e funcionamento da família, embora não tenha características iguais em todas as culturas, apresentam alguns traços comuns muito importantes. A modernização social promoveu, entre outros fenómenos, a introdução da mulher no mundo do trabalho, a tendência à redução do número dos filhos, o aumento das separações e do número de filhos que vivem sozinhos ou apenas com uma das figuras parentais.”³⁴ Estes são, sem dúvida, fatores que influenciam a sociedade e que não passam despercebidos. São motivadores de sociedades cada vez mais individualistas e de massas, onde cada um é por si. Os valores não são testemunhados e, sendo assim, não é possível incuti-los nem serem apreendidos por si só.

A raiz de um indivíduo, onde adquire e orienta a sua individualidade é a família. “Actualmente ...o individualismo abrange esferas mais amplas e afecta, especialmente tudo o que se refere ao estilo de vida... se por um lado supõe a libertação dos limites impostos por crenças, preconceitos, visões pré-estabelecidas da vida, por outro priva os indivíduos da

³³ IGREJA CATÓLICA, *Catecismo da Igreja Católica*, artº 2207, p. 542.

³⁴ J. TEDESCO, *O novo pacto educativo*, p. 31.

protecção outorgada pela pertença (tradicionalmente) a uma identidade fixa em que a responsabilidade pelo desenvolvimento das condutas era determinada externamente.”³⁵

A grande educação que se dá aos filhos é vivendo de determinado modo; esta vivência é o modo mais convicto. Aprender a realidade é um momento educativo muito importante. A nossa geração de educadores é muito cética. Confiar e acreditar na nossa forma de educar, com inteligência, com avanços e, quando necessário, com recuos, deverá ser o que nos propomos.

As famílias educam indivíduos conscientes das suas limitações, porque são humanos. Estudam a realidade, para se integrar com os filhos, aprender com eles, perceber que não só a sociedade é mutável, também a família o é porque o ser humano vai mudando. Temos dificuldade em educar naturalmente porque as nossas convicções já não são naturais. Ganha-se na relação direta com as pessoas. Este diálogo deve ser constante entre os dois elementos essenciais da sociedade, escola e família. Como seres em relação, entramos diretamente nesta dualidade, para podermos formar adultos responsáveis e inteiros.

“Os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos. Testemunham esta responsabilidade, primeiro pela criação de um lar onde são regra a ternura, o perdão, o respeito, a fidelidade e o serviço desinteressado. O lar é um lugar apropriado para a educação das virtudes, a qual requer a aprendizagem da abnegação, de sãos critérios, do autodomínio, condições da verdadeira liberdade.”³⁶ Cabe a todos os agentes da sociedade respeitar as famílias, para que elas compreendam que ainda é o lugar mais importante onde se aprendem os afetos e os valores; que serão tão importantes no futuro próximo, que reordena constantemente a sua escala.

“As pessoas identificam-se não só consigo mesmas (auto-identificação), mas também com os objectos do seu meio, como o são as pessoas com as quais se relacionam, ou as convicções.”³⁷ Por esta constatação da identidade, atrevo-me a dizer o quanto é importante os adolescentes e jovens terem com que se identificar, haver na família modelos de identificação que os ajude neste processo de crescimento.

Se é certo que temos, na sociedade agentes que tentam ajudar as famílias a organizarem-se, considero que nem sempre a melhor via é retirar os filhos aos pais e institucionalizá-los. Claro que os direitos das crianças e adolescentes devem estar sempre

³⁵ Id., p. 89.

³⁶ IGREJA CATÓLICA, *Catecismo da Igreja Católica*, artº 2223, p. 546.

³⁷ M. NEUENSCHWANDER, *Desenvolvimento e identidade na adolescência*, p. 118.

garantidos, mas a sociedade deve ter um papel mais preponderante na defesa da família, o que nem sempre acontece.

Se é certo que temos uma sociedade onde uma boa parte das famílias é subsídio-dependente, também é certo que o estado tem que fazer mais para dar oportunidades não só aos jovens, mas também aos adultos. As famílias são o que de mais importante há na sociedade; sem elas a sociedade não o é. Sem o devido respeito pelas famílias, não podemos transmitir aos adolescentes e jovens a necessidade do respeito pelo outro na sua identidade pessoal, como ser único e irrepetível.

Neste campo, a própria escola tem que ajudar o adolescente e jovem, a saber ler a nova realidade da família, se bem que os adultos por vezes também não a compreendam.

Os pais sem impor a autoridade, fazem nascer um cidadão. Deixar frutificar a alteridade.

III – Educar valores na escola

a) Função da escola

“A função da escola no que se refere à formação da personalidade, consiste em fixar os pontos de referência que permitam a cada um escolher e construir a sua ou as suas múltiplas identidades.”³⁸ Assistimos a uma reviravolta na função da escola pois este, não é mais um dos seus objetivos. As identidades estão descaracterizadas, a televisão, a internet, as tecnologias ocupam, agora, o lugar da escola, quando era referência para a criança.

O adolescente vê, na maior parte das vezes, a escola como o local onde aumentam as suas redes sociais, local de encontro com os amigos, contacto com os pares que para alguns deles é o mais importante, pois, não encontram apoio em mais lado nenhum. Os adolescentes vão à escola porque são obrigados e, por isso, é com os amigos que matam o tempo enquanto é necessário lá estarem. O importante é terem um grupo com o qual se identificam para se sentirem protegidos e bem-amados.

“A escola é um projecto em marcha que, necessariamente, brota de uma convicção que, por sua vez, radica num determinado modelo de um homem e de sociedade. A escola é uma concepção de vida em acção, em realização continuada e renovada pela incarnação de ideias, de saberes, de valores, de critérios, de atitudes, de comportamentos. Não há, portanto, educação e ensino alheios a preocupações de ordem filosófica, ideológica, política e religiosa.”³⁹

Vivemos em escolas cada vez mais plurais. Diversas culturas, diversos estratos sociais, todos exigem os mesmos direitos, não cumprindo muitas vezes os seus deveres. Não há comunicação, as crianças são entretidas, pois estão desmotivadas e a culpa é do professor; não gostam de estudar e a culpa é do professor; não fazem trabalhos de casa porque não têm tempo fora da escola e o professor é que é demasiado exigente.

“A crise do modelo educativo tradicional, baseado nas categorias de sequência e hierarquia, permitiu que se difundisse a ideia de que o problema da educação é

³⁸ Id., p. 118.

³⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A escola em Portugal – Educação integral da pessoa humana*, p. 12.

fundamentalmente educativo.”⁴⁰ Mas, temos que ir à base do problema. O professor deve ser capaz de fazer a sua grelha de leitura.

A identidade vai-se construindo e, por isso, nós vamos aprendendo ao longo de toda a vida. A melhor escola é a própria vida; seremos sempre alunos no decurso dos anos. Não há ninguém que possa ficar para trás neste processo. Se existimos, é porque fazemos falta e, se fazemos falta, o nosso trabalho não pode ser feito por mais ninguém. Por isso, todos têm que “deitar mãos à obra”.

“Quando a família socializava, a escola podia dedicar-se a ensinar. Agora que a família não cumpre plenamente o seu papel socializador, a escola não só não pode efectuar a sua tarefa específica com a eficácia do passado, como também começa a ser objecto de novas exigências para as quais não está preparada.”⁴¹ No encontro com o outro, também é fundamental a procura da verdade. O processo educativo deve proporcionar a escolha de diversos caminhos, para que cada um possa optar por aquele com o qual se identificam.

b) Escola – campo de ação

“Nas diferentes áreas da vida pode-se ter à disposição diferentes esquemas, porque a identidade está organizada especificamente de acordo com o conteúdo. Distinguem-se cinco categorias de conteúdos: a própria pessoa, os que convivem com ela e os sistemas sociais, os objectos do meio físico, os objectos abstractos como religiões, filosofias, convicções abstractas ou sistemas de crença e representações relacionadas com a acção.”⁴² Neste processo de identificação e de socialização, coloco a escola na definição da personalidade de cada um.

As pessoas mudaram, as famílias mudaram, a escola muda. Não há um modelo de escola que não seja falível. Não pode haver um modelo-tipo a seguir. A escola parece ser o local onde os pais têm os filhos vigiados. Pelos menos durante umas horas os filhos estão entregues. Muitas famílias deixaram de ser parceiros na educação dos seus filhos. A escola, em grande parte, assume esse papel, pois os pais só deram o nome à criança e dão o básico. Mas será que até o básico é suficiente? Nunca o é.

⁴⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A escola em Portugal – Educação integral da pessoa humana*, p. 51.

⁴¹ Id., p. 90.

⁴² Id., p.119.

“É importante, para cada pessoa humana a viver neste contexto social, assumir-se sem medos e sem arrogâncias culturais, como cidadão de uma sociedade distinta, marcada pela multiculturalidade.”⁴³ Mas esta mensagem não passa, não há no dia a dia força suficiente para esta luta, os sucessos são relativos, a escola está demasiado massificada; não é possível chegar a cada ser humano, não podemos olhar para cada “eu” individualmente, pois há sempre muito que fazer e nunca está tudo feito.

A escola é multicultural, os professores nem sempre são preparados para esta nova realidade, e apesar de muitas vezes sonharem com novas estratégias, nem sempre têm meios para as realizar. Não é possível um único modelo pedagógico escolas, que tantas vezes o tentam impor. A multiculturalidade que define as escolas não é devidamente trabalhada e estudada e, por isso, as estratégias não funcionam devidamente.

Respondendo à questão que levantei no capítulo anterior, se a escola está preparada para as mudanças de paradigma das famílias, posso agora responder claramente que não. Não, porque também os professores não se envolvem. E se há uns que estão continuamente em formação acerca desta multiculturalidade, outros há que apenas se formam nas áreas em que estão envolvidos. Há professores que não estão preparados para as mudanças que se impõem, para novas estratégias de atuação, que custa implementar.

Há uma grande confusão de papéis. Os pais demitem-se muitas vezes, os professores sentem-se educadores primários, psicólogos, e não conseguem realizar as tarefas definidas para a profissão pela qual optaram, sem saber o que lhes está, tantas vezes, reservado. Os próprios avós que assumem as funções dos pais; ou então os educadores passam a ter que assumir esta socialização nos jardins de infância.

“A socialização primária – que normalmente se dá no seio da família – costuma ser a mais importante para o indivíduo. Através dela, adquire a linguagem, os esquemas básicos de interpretação da realidade e os rudimentos do aparelho legitimador.”⁴⁴ No entanto, parece-me que esta socialização está cada vez mais a ser quebrada, começa a notar-se em grande parte uma confusão de papéis, mesmo no seio da própria família. Não é estranho encontrarmos nas escolas alunos cuja socialização primária, não foi feita.

O indivíduo muda, a família muda, a escola muda; mas será que está adaptada? Que estratégias têm sido utilizadas? Os nossos professores foram formados para se adaptarem a estas mudanças? Só quando são profissionais atentos ao que se passa à sua volta, críticos da sociedade em que estão inseridos é que podem estar constantemente a mudar de estratégia, é

⁴³ J. DUQUE e O. DUQUE, *Educar para a diferença*, p. 31.

⁴⁴ J. TEDESCO, *O novo pacto educativo*, p. 36.

que podem estar atentos à realidade individual que se encontra em cada discente que está á sua frente.

“Existiu – e existe – uma espécie de contradição insolúvel nas inovações pedagógicas. O seu êxito supõe a existência de toda uma sorte de factores que são precisamente aquelas que o sistema não admite: equipas de docentes motivados que compartilham um projecto pedagógico comum, dedicados ao seu trabalho em função dos objectivos do projecto e não de uma carreira burocrática.”⁴⁵ Será que o papel do próprio professor, como agente de socialização, não se está a deteriorar? Não estão a ser postos de parte, a ser desvalorizados constantemente? Os próprios conceitos de professor e aluno, bem como das suas relações, estão desvalorizados. O professor, com tantas mudanças na sua profissão sente-se desmotivado.

“As transformações na sociedade e na estrutura da família (...) obrigaram o poder político a exigir cada vez mais da escola e dos professores, atribuindo-lhes novas funções e fazendo exigências cada vez mais acrescidas. Contudo, a escola só por si, não é capaz de desempenhar funções sociais que lhe são exigidas.”⁴⁶

A sociedade tem que voltar a apostar na socialização primária, para que a escola continue a fazer o seu papel de socializadora secundária. Nem tudo pode continuar a ser exigido à escola e os professores têm que retomar os seus papéis. As suas funções estão descredibilizadas e confusas.

As Ciências da Educação não conseguem fazer o seu trabalho sozinhas; este só faz sentido se houver uma responsabilização de todos e onde todos contribuam com a sua parte. É nesta interligação que os resultados podem ser melhores.

“Os professores ajudam a desenvolver a compreensão, a imaginação e a conduta moral dos alunos através do exemplo, da explicação da exortação, da experiência e das expectativas.”⁴⁷ A escola deve, antes de mais, ensinar a pensar, a desenvolver o pensamento lógico, dar às crianças instrumentos para que saibam avaliar o mundo e escolher o caminho que querem percorrer. São vários os desafios. Mas a escola está a braços com problemas que não serão da sua competência, falta tempo para se ser verdadeiramente professor e para se ser verdadeiramente aluno.

“É necessário actuar, não apenas ao nível das práticas pedagógicas, mas também daquilo a que eu chamaria o não – pedagógico. A escola, como instituição, como edifício,

⁴⁵ Id., p. 45.

⁴⁶ R. MARQUES, *Ensinar valores: Teorias e Modelos*, p. 13-14.

⁴⁷ Id., p. 23.

como sala, o tecido social em que se insere, a situação familiar, tudo isso que poderíamos chamar não – pedagógico, tem grande peso no comportamento cultural e social dos alunos.”⁴⁸ O recreio, a sala de aula, os tempos em que os alunos estão na ludoteca, na biblioteca da escola, são sem dúvida alguns locais de formação, locais não pedagógicos, como refere o autor, onde os alunos vão buscar muitas vezes comportamentos que serão mais explícitos no seu futuro.

A escola não forma simplesmente em matemática, inglês, em português, forma personalidades, identidade. É importante, estarmos atentos a todos estes espaços, vigilantes para que esta formação seja integrante e positiva, para que os jovens possam tomar posições sérias que os tornem felizes. Serão preparados para a diversidade, para a heterogeneidade, para a multiculturalidade que vão encontrar na idade adulta, para resolverem de forma construtiva os problemas.

“Como primeiros responsáveis pela educação dos filhos, os pais têm direito de escolher para eles uma escola que corresponda às suas próprias convicções. É um direito fundamental.”⁴⁹ Daria também uma reflexão, saber como pode o estado impor-se à vontade dos pais e estabelecer o currículo que quer para os cidadãos. Não terão os pais uma palavra a dizer?

Parece-me importante referir que, ao longo do tempo, as pessoas se mantêm as mesmas mas, “as mudanças na estrutura esquemática da identidade representam a libertação de antigos objectos de identificação, o começar de relações e de integração de novos esquemas na estrutura.”⁵⁰ Não posso deixar de referir que os adolescentes e jovens perante uma escola multifacetada, uma família que nem sempre dá respostas aos seus anseios, que ao longo de vários anos são confrontados sistematicamente com as mudanças na forma de ser, de se apresentar, de estar, não podem apenas ser responsabilizados por esta mudança constante de paradigma, sem que o sejam também pais, professores, educadores, adultos no geral, responsabilizados.

Embora se saiba que a família tem um papel muito preponderante no sucesso dos alunos na escola, nem sempre os pais estão disponíveis para serem parceiros na educação. Sabemos que o grau de escolarização dos pais é aqui um elemento a ter em consideração pois “são naturalmente os pais com maior grau de instrução, por certo mais bem informados e porventura mais sensíveis às problemáticas envolvidas - por vezes por razões menos

⁴⁸ R. FERNANDES, *Encontro a escola e a interculturalidade*, p. 20.

⁴⁹ AA.VV., *Catecismo da Igreja Católica*, art. 2229, p. 547.

⁵⁰ M. NEUENSCHWANDER, *Desenvolvimento e identidade na adolescência*, p. 119.

louváveis, como é o caso daqueles que apenas lá se deslocam quando se trata de contestar ou discutir as notas obtidas pelos seus educandos-, aqueles que mais vezes se deslocam às escolas (...) resta saber se tal comportamento diferenciado pode ser explicado por razões imputáveis ao perfil dos próprios pais.”⁵¹ Esta característica é comprovada no terreno, pois no contacto direto que mantenho com os pais isto é, de facto, notório. Geralmente, os pais de baixa instrução só vão à escola quando convocados, com muita insistência, pelos Diretores de Turma. Ora, os alunos também se ressentem disto.

Quando os pais acompanham a vida escolar dos filhos, os resultados são sem dúvida mais positivos, mesmo em relação aos comportamentos, às relações com os pares e às atitudes, os alunos são mais coerentes, honestos, mais responsáveis e até exigentes consigo próprios.

“Do ponto de vista das relações entre as duas instituições com maiores responsabilidades na formação e socialização das crianças e dos jovens - a família e a escola - tem vindo progressivamente a consciencializar-se a importância da colaboração entre ambas. A família é o interlocutor privilegiado da escola, como garantia de melhores resultados educativos. A legislação sobre a matéria e a diversidade de experiências substantivas mostram que, apesar de muitas dificuldades, se ultrapassou um período caracterizado pelo isolamento, em que muitas famílias entregaram à escola tarefas que lhe cabiam, e as escolas, invadidas por novas responsabilidades sociais, procuraram, em vão, responder a todos os problemas e exigências.”⁵² Esta reflexão vai sendo feita, apesar de nem todos tomarem consciência clara das suas funções e responsabilidades.

c) Problemáticas

Quando temos alunos com problemas de comportamento quer dentro quer fora da sala de aula, revelam quase sempre instabilidade familiar, problemas de relacionamento até com os progenitores, ou menor atenção no cumprimento das regras também em casa.

Os professores voltam a ter, nestas situações, um papel preponderante, nomeadamente os Diretores de Turma, pois não podem desistir de estabelecer estes contactos com o perigo de as situações se irem agravando. Tudo está disponível; há acesso fácil às drogas, ao álcool, há uma má vivência da sexualidade juvenil.

⁵¹ AA.VV., *Vida, Escola e Religião no imaginário juvenil*, p. 99.

⁵² T. NUNES, *O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica*, p. 91.

Serve como um desabafo dizer que, ser Diretora de Turma é um desgaste psicológico, porque não se pode alhear dos problemas dos alunos e das suas famílias, que são variadíssimos. A título de exemplo, podem apontar-se: problemas económicos, problemas de divórcios litigiosos, problemas de abandono escolar, problemas de negligência dos filhos nos cuidados primários de higiene e alimentação pouco cuidada, problemas de filhos que mandam nos pais e não cumprem regras, problemas de má integração no país e na sociedade.

Tudo tem que ser constantemente repensado. No entanto, considero que é uma vertente importante da profissão, pois o docente pode estar mais próximo e ajudar mais no concreto.

IV – A Educação Moral Religiosa Católica

“A Educação Moral deve preocupar-se com a boa formação das consciências e o processo de formação de uma boa consciência exige vontade para criar bons hábitos e querer combater a ignorância.”⁵³ Sem este conceito, não é possível um professor de Educação Moral Religiosa Católica (EMRC) ser competente nas suas funções.

a) Perfil do professor de EMRC

“Todo o ser humano e só ele, é um ser moral porque está chamado a assumir e a construir a sua própria vida (...) só a pessoa humana é sujeito de moralidade e só ela é capaz de fazer actos morais, sendo esta uma das características mais tipicamente humanas.”⁵⁴ É uma função de todo o professor ajudar o aluno a ter noção de que é necessário ter consciência moral. Ajudar a descobrir a verdade, a agir de uma forma livre e responsável. As competências desenvolvem-se ao longo de vários anos e a escola prevê isso no seu currículo, mesmo que, por vezes, esteja subjacente apenas no currículo oculto. Assim, é importante não descuidar a personalidade da criança, do adolescente ou do jovem, ajudando a definir a sua identidade, como destaquei no capítulo anterior.

Ser professor de EMRC é muito mais do que ser professor de uma qualquer outra disciplina. A especificidade da disciplina é o que nos torna diferentes. Mas o sermos pessoas religiosas também ajuda a marcar a diferença. O sermos mais reflexivos sobre a vida e o dia a dia ajuda-nos na tarefa de educar e de ensinar, de educar para os valores, de abrir os horizontes e as expectativas do futuro.

O professor de EMRC precisa de olhar para si e experimentar Deus na sua vida, para poder ajudar o adolescente a experimentá-Lo também. Sempre com um olhar atento aos seus alunos, uma mão disponível para ajudar a levantar, deve continuar a prestar atenção ao que se diz e ao que não é dito, ao que lhe é revelado mas essencialmente ao que está oculto (quando possível) em cada discente.

“Caminha-se, progressivamente, para uma concepção mais global e envolvente da educação, como processo que conduz à passagem da consciência de ser indivíduo, membro da

⁵³ M. NEUENSCHWANDER, *Desenvolvimento e identidade na adolescência*, p. 44.

⁵⁴ A. VEIGA, *A Educação Hoje*, p. 283.

espécie humana, à consciência de ser pessoa, com o que isso implica de esforço de elevação do ser humano em direção ao seu próprio aperfeiçoamento, crescendo no conhecimento e na afirmação de si mesmo (autonomia) e no estabelecimento da indispensável relação pessoal com os outros (solidariedade).”⁵⁵ O professor de EMRC deve estar atento às novas concepções e assumir para si tudo o que é essencial e específico.

Importa aqui referir que, o professor de EMRC deve ter um perfil de acordo com as exigências atuais, e de acordo com o perfil que está consagrado. “Podemos concretizar em três aspetos fundamentais, que intimamente se relacionam, os traços que definem o perfil geral do docente de EMRC. Ao fazê-lo, sintonizamos com as tendências europeias, que apreendemos na participação em múltiplas sessões do Fórum Europeu do Ensino Religioso Escolar: 1. Personalidade humana – Equilíbrio humano, maturidade, facilidade de estabelecer relações interpessoais, sensibilidade à problemática sociocultural; abertura de espírito universal, postura cívica e ética. 2. Personalidade docente – Propensão para a educação e o ensino, aptidão científica (teológica, didáctica e pedagógica) e profissional; compromisso na aquisição de formação permanente; disponibilidade para assumir responsabilidades na comunidade educativa; abertura ao estabelecimento de redes com as famílias e a comunidade envolvente; capacidade de liderança (“guia com autoridade”). 3. Personalidade crente – Fé (comprometida); testemunho de coerência e integridade de vida; clareza e objectividade na transmissão da fé e da doutrina da Igreja; capacidade para criar nos alunos abertura à dimensão religiosa e à busca de opções pessoais; capacidade para ajudar a amadurecer nos alunos as interrogações de sentido para a vida.”⁵⁶ Nem sempre os docentes têm este perfil. Importa continuar a trabalhar as consciências de cada um e ir refletindo para estar mais seguro.

b) As aulas de EMRC

Poderia centrar-me, ao longo deste trabalho, nas fundamentações da EMRC escolar, mas penso que haveria muito a dizer, o que implicaria outro tipo de reflexão. No entanto, não posso passar por este capítulo sem falar um pouco acerca disto. Não irei centrar-me na fundamentação teológica e antropológica, mas tentarei fazer uma pequena resenha da fundamentação pedagógica e escolar. Para isso, basear-me-ei essencialmente na proposta de Deolinda Serralheiro.

⁵⁵ T. NUNES, *O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica*, p. 90.

⁵⁶ *Id.*, p. 93.

Antes de mais, convém referir que a disciplina de EMRC é de proposta obrigatória, mas a sua frequência é facultativa. Só os professores de EMRC é que podem fazer a fundamentação religiosa e é isso que nos torna diferentes; nós trabalhamos as competências religiosas dos nossos alunos e nisso somos específicos.

“Toda a educação humana deve ser inserida no contexto da tradição cultural e espiritual da comunidade humana. É no interior da tradição que se objectivam os valores culturais e espirituais que definem a fisionomia de um povo e que alargam o horizonte da comunidade, para além das fronteiras do presente histórico.”⁵⁷ É pois, necessário estarmos sempre a repensar a nossa disciplina, a forma como trabalhamos as competências religiosas com os alunos; cada um tem uma história e cada vez mais as escolas são multiculturais. A heterogeneidade pode ser uma mais-valia desde que cuidadosamente explorada. Estas competências são tanto ou mais carentes de trabalho como outras; as competências religiosas são essenciais à descoberta do eu e à identificação de cada um, como indivíduo.

“Onde o Deus descoberto pelo pensamento se deixa encontrar no coração da religião como um Deus que fala e atua, então reconcilia-se o pensamento e a fé.”⁵⁸ A aula de EMRC é pois, a aula do pensamento, a aula que põe o aluno a experienciar-se e a experimentar Deus, a deixar-se cativar para que Ele o cative. O aluno pode, antes de mais, ter uma atitude de abertura para com o professor, a fim de que Deus atue.

“A aula de religião insere-se na estrutura escolar para se tornar o lugar da procura existencial própria ao crescimento humano, em ordem ao desenvolvimento harmonioso e integral da pessoa.”⁵⁹ A aula de EMRC não é mais uma disciplina, mas a disciplina que mais contribui para o desenvolvimento integral e harmonioso da criança, apesar de não lhe ser dada, grande parte das vezes, a devida importância. Por vezes é tão desvalorizada pela escola, como o é pelos pais e alunos; aí as convicções e vivências da fé do professor reestruturam-se.

Relativamente à questão da fundamentação pedagógica e escolar, “a importância educativa do fenómeno religioso baseia-se no facto da problemática religiosa levantar necessariamente as questões essenciais da existência humana e oferecer grelhas de leitura em profundidade da vida e da história.”⁶⁰ Normalmente, os meus alunos costumam dizer que eu os faço pensar muito, que quase nunca lhes dou as respostas que esperam ouvir. É esta experiência adquirida ao longo dos anos de trabalho que justifica as razões que a autora

⁵⁷ D. SERRALHEIRO, *O Acto Educativo Religioso e Moral*, p. 53.

⁵⁸ J. RATZINGER; P. D'ARCAIS; *Existe Deus? – Um confronto sobre verdade, fé e ateísmo*, p. 81.

⁵⁹ D. SERRALHEIRO, *O Acto Educativo Religioso e Moral*, p. 59.

⁶⁰ Id., p. 57.

refere; nós damos grelhas de leitura para a vida, para que cada um possa, aos poucos, ir fazendo a sua história, o seu caminho.

“A mensagem cristã tem um valor humanizante. Contudo, este pressuposto não é partilhado por todos, crentes e não crentes, nomeadamente na sociedade pluralista actual, o que não retira o valor humanizante e objectivo da mensagem cristã.”⁶¹ Deus também o é com o Homem, é Palavra por ele.

Como professores e pais convém, cada vez mais, preocupamo-nos com os nossos jovens para que fixem a sua identidade religiosa e assim outros, muitas vezes mal intencionados, não o façam. Os alunos de EMRC não precisam de pertencer a esta religião, nem só os cristãos precisam de desenvolver esta dimensão, nem todos precisam de ser crentes. A religião também se discute, deve-se discutir. A disciplina de EMRC é para todos e todos têm um contributo a dar. As questões que vão sendo trabalhadas são mais enriquecedoras tanto quanto mais alunos houver que as debatam. As competências religiosas desenvolvem-se com o contributo de todos.

“O facto religioso tem uma importância educativa e sociocultural que faz consenso, mesmo entre os descrentes. Por esta razão este pode ser o principal fundamento da educação religiosa escolar.”⁶² As competências educam-se, as unidades didáticas, que trabalham ao longo dos vários anos de escolaridade, integram várias dimensões: pessoal, familiar, religiosa, social, escolar e profissional. Ajudam a crescer como pessoa. Ao trabalha-las, contribuimos de uma forma fundamental para uma sociedade futura mais justa, mais equilibrada e mais verdadeira, onde todos tenham as mesmas oportunidades.

“Independentemente da opinião que se tenha sobre a religião, ela é um facto que conta. Tem tanta importância que uma escola preocupada com a transmissão crítica da cultura não a poderia recusar. A educação religiosa, enquanto reflexão séria e organizada do fenómeno religioso, longe de contradizer a tarefa própria da instituição escolar, é um dos elementos desta tarefa e responde plenamente à finalidade duma escola que quer educar, integral e harmoniosamente numa sociedade pluralista e democrática.”⁶³ Os professores de EMRC caracterizam-se assim, como tendo um papel muito importante na escola que não podem descuidar. Tendo uma função de ensinar, revelam-se também como evangelizadores do meio. Do ponto de vista público, os convictos cristãos, eles próprios, têm que ser educados a desenvolver um espírito crítico para não ser um manipulável nas suas convicções.

⁶¹ Id., p. 57.

⁶² D. SERRALHEIRO, *O Acto Educativo Religioso e Moral*, p. 57.

⁶³ Id., p. 58.

“À partida, a missão docente não deve ser procurada como mero recurso de ocupação profissional ou de subsistência económica. Seria não levar a sério a responsabilidade perante as crianças e os jovens de que as famílias requerem o cuidado da escola. Exige-se, pois, como vimos, gosto pessoal, equilíbrio humano, preparação específica. E, no caso da EMRC, fé esclarecida, virtudes morais e compromisso eclesial. Outras competências adquirem-se pela vida fora, com a experiência, o trabalho de grupo, o esforço da actualização pessoal, a maturidade humana e cristã.”⁶⁴

Nesta sociedade, onde estamos inseridos, onde não apenas a crise económica nos atinge mas também a crise das nossas famílias e a crise dos valores dos indivíduos, emergem cada vez mais as seitas. Com os atentados às famílias e à sociedade que cada vez mais deseduca e não ajuda a educar, as responsabilidades crescem em relação aos professores de EMRC.

“A nossa capacidade de adaptação ao mundo adulto não depende tanto do que se denominava por quociente intelectual como destas capacidades sócio-emocionais, que são a verdadeira inteligência. A escola também tem de desenvolver esta inteligência, a verdadeira inteligência”⁶⁵.

O professor é coautor na criação das identidades juvenis. A família é educadora primária; mas os professores, não menos importantes, são educadores secundários. As crianças são educadas para o progresso. “Sem esta estrutura nova, em função da qual se pode orientar as experiências de aprendizagem, não podemos adaptar a educação à diversidade.”⁶⁶ O progresso da criança depende, sem dúvida, da experiência com a qual conseguimos educar para a interculturalidade.

Depende, com toda a certeza, capacidade que tivermos para motivarmos cada indivíduo que se encontra diante de nós, da alegria contagiante com que exercemos a nossa função. “O professor é, para muitas crianças e adolescentes, um referencial, um padrão de comportamento a seguir, muitas vezes a emular.”⁶⁷ Por isso, temos que assumir o nosso papel e desempenhá-lo com rigor e verdade; estar motivados, para continuar a , não só para a sua disciplina, mas também para as outras, para a escola, para a vida.

Assim, cabe a cada professor identificar e dar grelhas de leitura da vida e do religioso porque, pelo menos aqui, outros não o farão, pelo menos não tão bem como nós, que fomos preparados para isso. Aqui apraz-me referir o como é fundamental o professor de EMRC tirar

⁶⁴ T. NUNES, *O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica*, p. 94.

⁶⁵ M. AGUADO, *Encontro a escola e a interculturalidade*, p. 29.

⁶⁶ Id., p. 30.

⁶⁷ AA.VV., *Vida, Escola e Religião no imaginário juvenil*, p. 109.

um curso específico pela credibilidade na escola e na sociedade, como os estudos que se fazem. Temos que ser iguais na diferença, estudar e perceber o que se faz, é ir também fazendo; o professor de EMRC vai-se fazendo, as suas funções não são estáticas e dependem do mundo, como o mundo também depende dele.

V – Vários riscos...

Como em tudo na vida, o simples facto de vivermos ou tentarmos sobreviver traz riscos associados. Não é por acaso que os jovens estão mais desprotegidos, à mercê das piores crueldades. O primeiro risco é “(...) com o aumento da emancipação, já não querem estar dependentes dos pais. Desvalorizam os pais e exigem a possibilidade de intervir também, ser independentes e ter uma relação simétrica.”⁶⁸ Acontece que, muitas vezes, e quando ainda há sucesso nas relações, quando as dificuldades começam a surgir, não obstante a falta de assumir responsabilidades por vezes não esperadas, os jovens hoje em dia retornam a casa. Quando se sentem desprotegidos, procuram refúgio junto dos progenitores e muitas vezes, já não voltam sozinhos, voltam com um, dois filhos. Vêm desorientados, com dívidas, com um turbilhão de problemas ainda por resolver. Têm que começar de novo.

No entanto, “os jovens encontram novos valores e iniciam uma confrontação activa com os pais (...) não pretendem apenas partilhar responsabilidades com os pais, mas também têm agora suficientemente confiança em si, para se colocarem ao mesmo nível que os pais”⁶⁹. Eis um novo risco. Porque já experienciaram a emancipação, uma vida individual, nem sempre este regresso é fácil. Surgem os mais variados conflitos entre as gerações que voltaram a partilhar o mesmo teto, as mesmas dificuldades e preocupações, havendo fronteiras bem estipuladas para que cada um possa perceber o outro e entender as suas limitações. Este é um risco que corre a sociedade, se os professores não souberem preparar o adolescente e jovem para esta nova realidade emergente.

Parece-me que é importante referir que na escola, o tempo em que aprendem conteúdos, valores, atitudes, se irá refletir nas tomadas de decisão dos jovens - adultos. Por isso, o currículo oculto que tantas vezes passa despercebido, nomeadamente às famílias que são quem deve estar mais atenta, pois contactam mais com os jovens na sua individualidade, deveria ser mais valorizado.

Não é por acaso que, nos últimos anos, nas escolas temos assistido à criação de gabinetes de apoio aos alunos; o governo começa a perceber que a escola não consegue fazer tudo sozinha; começam a aparecer parcerias com a cruz vermelha, com o instituto da juventude, com os centros de saúde... Estas parcerias, quando os técnicos se predispõem, são as que mais e melhores resultados conseguem obter. Os técnicos são os que mais tempo têm para ouvir e discutir individualmente com cada um e o que é possível fazer.

⁶⁸ M. NEUENSCHWANDER, *Desenvolvimento e identidade na adolescência*, p. 220.

⁶⁹ Id., p. 221-222.

Estes técnicos estão à espera que os adolescentes os procurem, a escola tem ajudado a que eles estejam nas escolas para que o aluno possa recorrer a eles com maior privacidade e com maior frequência, sem ser estigmatizado por ter estes apoios. Pelos resultados a que tenho assistido na escola, estes apoios têm sido de grande importância para a resolução de alguns problemas.

“O papel que a família e a escola desempenham para as preferências que manifestam é, em boa medida, determinante...”⁷⁰ É pois um risco deixar que os adolescentes procurem auto-valorizarem-se sozinhos. A família e a escola têm, mais uma vez, um papel preponderante, ao qual nem sempre dão o devido valor. Estas não se podem demitir dos seus papéis nem tão pouco deixar de cooperar uma com a outra. Quando isto acontece é o adolescente ou o jovem e a sua vida futura que estão em causa. É um risco deixar nas mãos dos amigos e da sociedade este processo de socialização, de aprendizagem de valores, de educação de atitudes e compreensão dos comportamentos.

“A aprendizagem do aluno não depende apenas da parte que ensina, ou seja do professor e dos métodos por que o faz: depende de ambos, numa relação de reciprocidade dinâmica e dialéctica, na qual desempenham um papel mediador importante as práticas pedagógicas proporcionadas.”⁷¹ Este é também um risco para a nossa sociedade.

Nem sempre os professores têm consciência que marcam profundamente os seus alunos quando são maus ou bons profissionais. Assim, é importante que o professor continue a sua formação, que se readapte às novas tendências, aos novos costumes, à necessidade constante de ouvir os seus alunos e estar atento às suas inquietações.

“Num tempo em que se fragilizam as teias relacionais e axiológicas que configuram e sustentam o espaço familiar, é também compreensível que, na busca de equilíbrio que o caracteriza, o adolescente vá ao encontro de realizações compensatórias, nomeadamente no grupo de amigos.”⁷² Este é, para mim, um dos maiores riscos que podemos correr na sociedade nos nossos dias.

Os adolescentes e jovens estão cada vez mais à mercê dos predadores que existem, a televisão convida, a internet distrai e ocupa-os com o que não deve, os amigos que parecem de confiança não passam muitas vezes de isca para mais uma embrulhada. Mesmo para aqueles adolescentes e jovens que procuram ouvir os conselhos e que ouvem o que é dito,

⁷⁰ AA.VV., *Vida, Escola e Religião no imaginário juvenil*, p. 185.

⁷¹ Id., p. 109.

⁷² Id., p. 108.

estão expostos a estes perigos, quanto mais os outros que não são acompanhados, acariciados, amados.

VI – Confrontação com a realidade

Desde sempre, a maior preocupação do professor são os alunos: tentar perceber um pouco mais as suas aspirações, quais os seus problemas, princípios e valores.

Numa sociedade dita maioritariamente católica, pressupõe-se que os alunos inscritos em EMRC sejam católicos.

Para perceber a que tipo de alunos dou aulas, quais as motivações que apresentam para se inscreverem na disciplina e o que aprendem, propus-me realizar uma entrevista a dois grupos distintos. Este processo foi realizado ao longo do ano letivo de 2009/2010. A escola onde leciono é a EB 2,3 Frei Caetano Brandão, em Maximinos - Braga.

a) Metodologia

“Um objectivo importante do conhecimento crítico é avaliar se um documento se caracteriza principalmente pelo seu valor factual ou tendencioso.”⁷³ Considero, por isso, importante ter bem assente o que se quer investigar ou tratar, quando nos propomos realizar algum tipo de investigação.

“Nenhuma abordagem depende unicamente de um só método, da mesma forma que não exclui determinado método apenas porque é considerado “*quantitativo*”, “*qualitativo*” ou designado por “*estudo de caso*”, “*investigação – acção*.”⁷⁴

Para o meu estudo, combinei a investigação quantitativa (questionário com percentagens nas respostas), com a qualitativa (entrevistas). “Os investigadores quantitativos recolhem os factos e estudam a relação entre eles. Realizam medições com ajuda de técnicas científicas que conduzam a conclusões quantificadas e, se possível, generalizáveis.”⁷⁵ A pesquisa quantitativa é a mais adequada, para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, pois utiliza instrumentos estruturados.

Entende-se por pesquisa qualitativa “a compreensão fundamental da linguagem, das percepções e dos valores das pessoas. É essa entrevista que mais frequentemente nos capacita

⁷³ J. BELL, *Como realizar um projecto de investigação*, p. 96.

⁷⁴ Id., p. 85.

⁷⁵ Id., p. 20.

a decidir quanto às informações que devemos ter para resolver o problema de pesquisa e saber interpretar adequadamente a informação.”⁷⁶

“Os investigadores que adoptam uma perspectiva qualitativa estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão em vez de análise estatística.”⁷⁷ O objetivo foi o de fazer o teste de hipóteses, uma vez que os resultados são concretos e conseqüentemente, menos passíveis de erros de interpretação. Para tal, considerei as seguintes hipóteses: será que os alunos sabem que a disciplina é de proposta obrigatória mas de frequência facultativa? Será que se inscreveram em EMRC por opção ou porque os pais os obrigaram? Será que a consideram importante para a sua formação ou é apenas uma forma de ocuparem o tempo? Perante estas, formulei as questões a seguir expostas. “Há momentos, em que os investigadores qualitativos recorrem a técnicas quantitativas e vice-versa.”⁷⁸ Optei, assim pelas duas técnicas.

b) Aplicação dos questionários e das entrevistas

Para a realização das entrevistas, elaborei um conjunto de perguntas, que considerei pertinentes, para saber as motivações essenciais, para a inscrição dos alunos em EMRC, na escola.

Escolhi duas turmas aleatoriamente, uma do quinto ano e outra do oitavo ano. Era importante escolher dentro destes anos de escolaridade, para poder perceber quais as influências que os pais têm na inscrição dos filhos na disciplina.

O número de entrevistas foi de acordo com o número de alunos das turmas, evitando assim a escolha de alunos, de acordo com algum perfil pré-estabelecido.

Contactei a Comissão Executiva da escola, para pedir autorização aos Encarregados de Educação para a sua realização. Elaborei uma autorização, explicando a finalidade da entrevista, à qual todos os Encarregados de Educação deram a sua permissão.

Os alunos e os Encarregados de Educação foram informados da data da realização da entrevista, sem que houvesse prejuízo para outras aulas. Assim, estas foram realizadas em duas aulas de EMRC, no último mês de aulas do terceiro período.

⁷⁶ N. MALHOTRA, *Pesquisa de Marketing: Uma Orientação Aplicada*, p. 153.

⁷⁷ J. BELL, *Como realizar um projecto de investigação*, p. 20.

⁷⁸ J. BELL, *Como realizar um projecto de investigação*, p. 20.

Os discentes responderam com naturalidade às questões; só tiveram conhecimento delas, na altura da entrevista.

c) Forma de administração dos questionários

A forma de administração dos questionários, neste caso, traduziu-se numa entrevista cara a cara, numa aula. Considero, neste momento, que este facto foi a melhor opção, pois o ambiente a que o aluno já está habituado é sempre o mais confortável.

Olhando agora, passado um tempo da realização da entrevista e analisando com mais cuidado, considero que deveria ter entrevistado também os alunos não inscritos na disciplina, para que pudesse compreender o porque da não inscrição. Seria aqui, um dos dados relevante, sujeito de algumas interpretações, daria uma visão mais fiel da escola, seria uma amostra mais fidedigna desta realidade. Não era um objetivo saber porque é que os alunos não se inscrevem, mas seria interessante fazer algumas considerações

d) Estrutura

Os questionários eram constituídos por perguntas fechadas e perguntas abertas, sendo que estas últimas dificultam, por vezes, a análise dos dados. Foram diferentes, as do quinto ano em relação com as do oitavo ano.

Entrevista realizada aos alunos do 5º ano

- 1 – Quando chegaste a esta escola já sabias o que era a disciplina de EMRC?
- 2 – Sabias que podias optar por estar inscrito ou não?
- 3 - Os teus pais perguntaram-te se querias ter ou não esta disciplina?
- 4 – Que opinião tens sobre a disciplina?
- 5 – Vais voltar a inscrever-te no próximo ano letivo? Porquê?
- 6 – Achas que foi importante teres estas aulas para a tua formação pessoal?
- 7 – Os teus pais são católicos? Costumam ir regularmente à missa? Com que regularidade?

Entrevista realizada aos alunos do 8º ano

1 – Ao longo destes quatro anos estiveste sempre inscrito em EMRC?

2 – No quinto ano tiveste oportunidade de optar pela disciplina ou foi uma escolha dos teus pais?

3 – E no oitavo, pudeste escolher?

4 – Em que é que a disciplina contribui para a tua formação?

5 – Porque continuas inscrito?

6 – No próximo ano vais continuar inscrito?

7 – Os teus pais são católicos? Com que regularidade vão à missa? E tu?

e) Dados relevantes sobre as turmas entrevistadas

5º Ano

A turma do quinto ano era constituída por vinte e oito alunos, dois dos quais não estavam inscritos em EMRC. Catorze alunos eram raparigas e doze eram rapazes. Os alunos residem nas Freguesias de Ferreiros (17 alunos), Maximinos (2 alunos), Cividade (2 alunos), Semelhe (2 alunos), Tibães (1 aluno), Palmeira (1 aluno), Gualtar (1 aluno).

Vivem na sua maioria com os pais excetuando uma aluna que vive com a mãe, o irmão e a avó e outro aluno cujos pais são divorciados, vive por isso com a mãe. A maioria dos alunos é acompanhada em casa e deitam-se por volta das 21 e 22 horas.

Os alunos provêm de famílias de classe média-baixa e os agregados familiares são pouco numerosos. Beneficiam de escalão cerca de catorze. Todos os alunos têm computador em casa e têm boas expectativas relativamente a uma trajetória escolar de sucesso, revelando querer uma profissão no futuro, compatível com uma formação académica de longa duração.

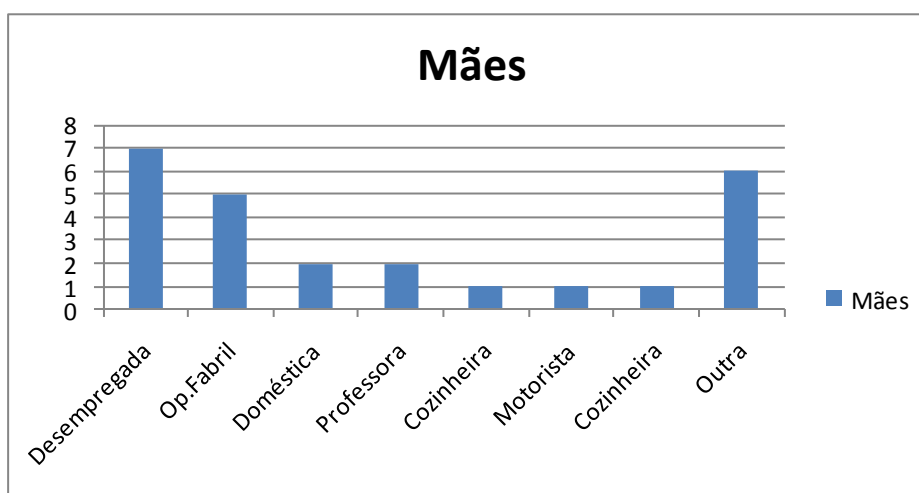
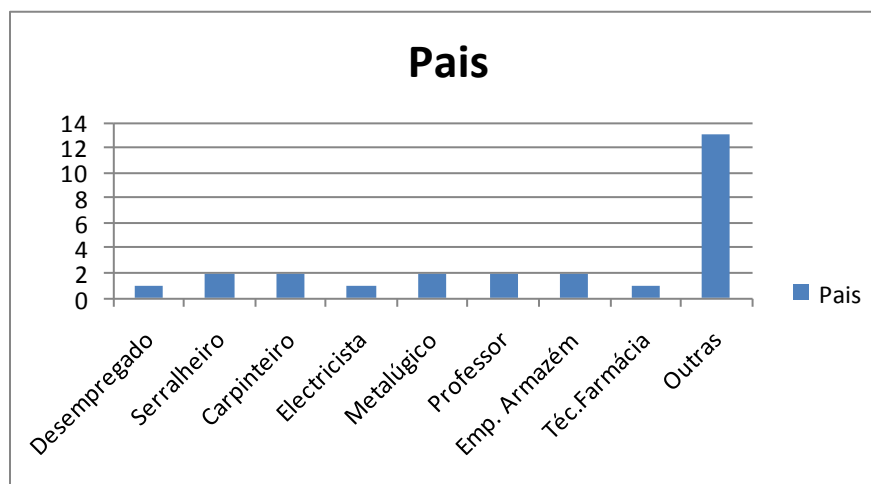
A maioria dos pais acompanha os alunos, revelando atenção aos seus problemas e dificuldades. Um grande número de alunos revela grande vivacidade, gosto de aprender e espontaneamente procura ampliar os seus conhecimentos.

Por outro lado, alguns alunos, devido a essa vivacidade e infantilidade, revelam uma certa dificuldade no cumprimento de regras na sala de aula.

Cerca de seis alunos não frequentaram a escola pré-primaria e nenhum aluno tem retenções no primeiro ciclo.

As atividades que os alunos frequentam fora da escola são catequese (18 alunos), futebol (2), natação (2), instituto britânico (2), ATL (4), ginástica.

Relativamente às profissões dos pais, destacam-se as seguintes:



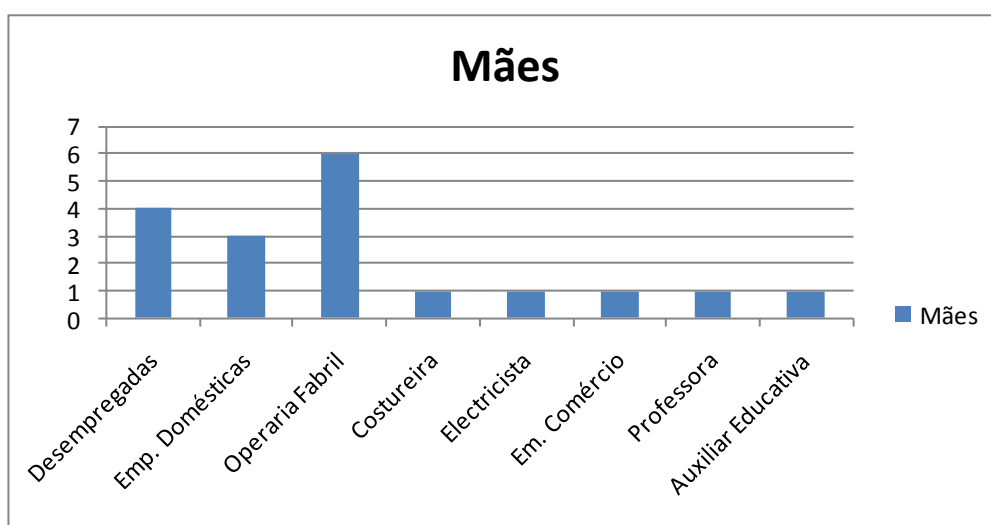
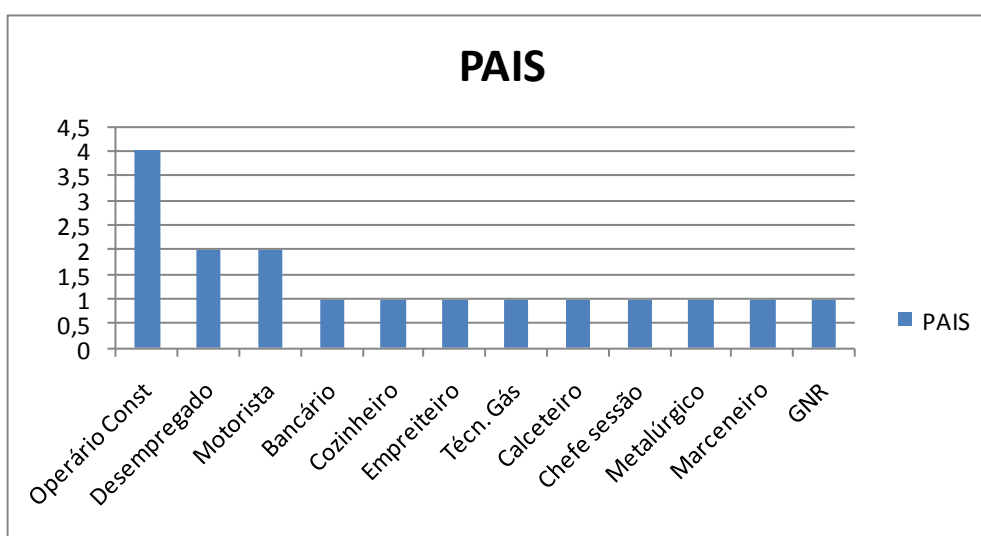
8º Ano

A turma do oitavo ano de escolaridade é constituída por vinte e um alunos, com idades compreendidas entre os treze e os catorze anos. Dezoito alunos estavam inscritos em EMRC, sendo dez raparigas e oito rapazes. Os alunos residem essencialmente em Maximinos (7), Tenões (1), Ferreiros (9), Real (1).

Os agregados familiares são essencialmente constituídos por quatro elementos, havendo apenas um aluno cujo agregado é constituído por cinco elementos, quatro alunos são filhos únicos.

Relativamente à habilitação literária dos pais, apenas um é licenciado e um concluiu o décimo segundo ano. Todos os restantes têm o quarto ano (7), o sexto ano (5) e o nono ano (4). Em relação às mães, a escolaridade também é heterogénea, sendo que uma é licenciada e outra tem o décimo segundo ano, o nono ano (6), sexto ano (5) e quarto ano (5).

Quanto às profissões dos progenitores distribuem-se da seguinte forma:

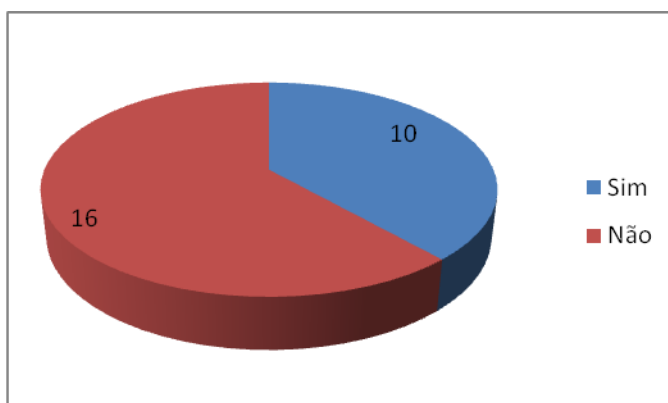


f) Análise dos dados:

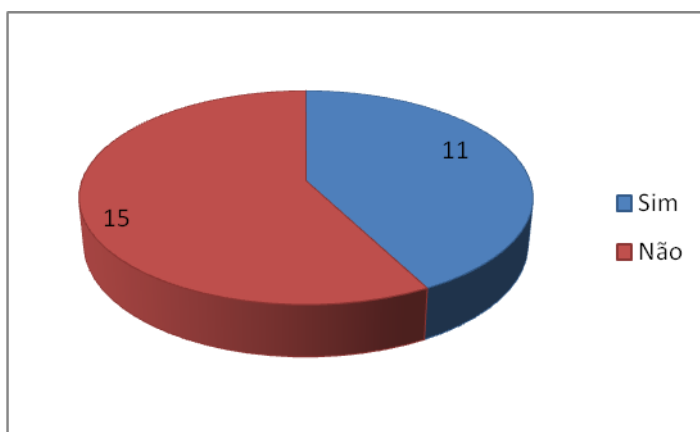
f.1) Análise quantitativa

Alunos do 5º Ano

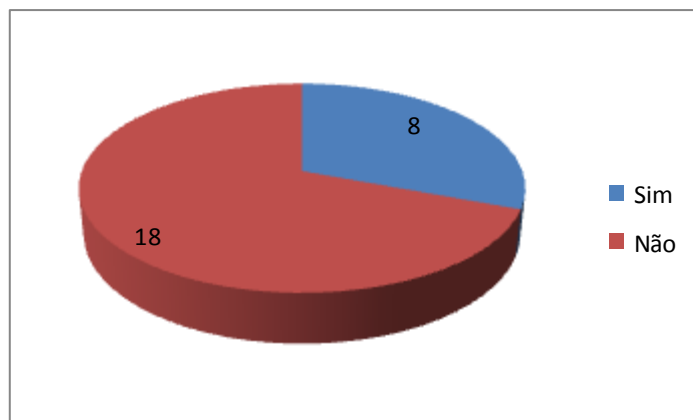
Questão um – Quando chegaste a escola já sabias o que era a disciplina de EMRC?



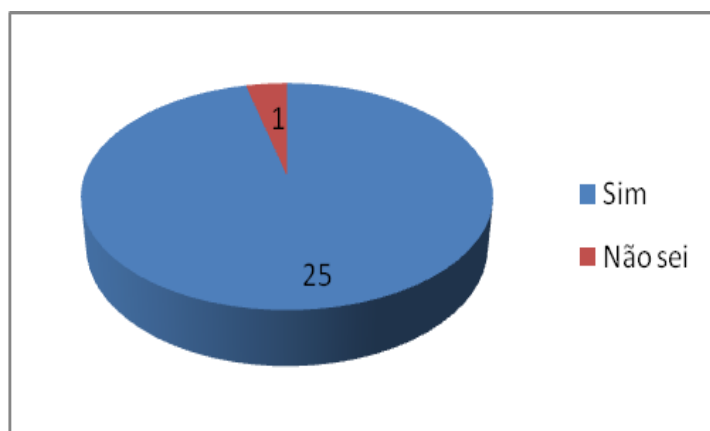
Questão dois – Sabias que podias optar por estar inscrito ou não?



Questão três – Os teus pais perguntaram-te se querias ou não ter esta disciplina?



Questão cinco – Vais voltar a inscrever-te no próximo ano letivo?

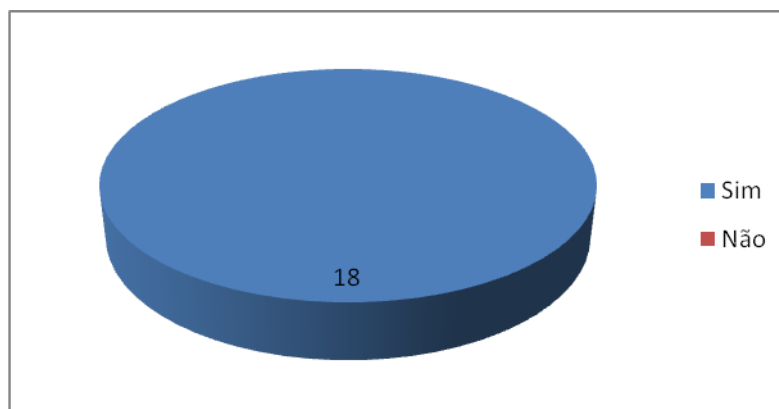


Questão sete – Os teus pais são católicos? Costumam ir com regularidade à missa? Com que frequência? Todos os alunos referiram que os pais eram católicos e a frequência na eucaristia era:

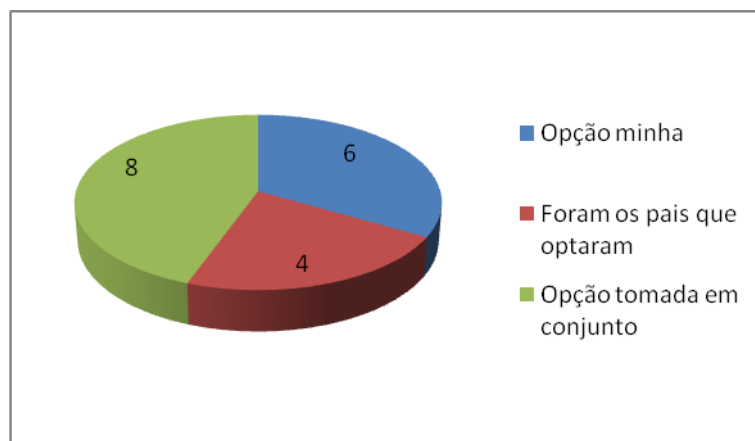


Alunos do 8º ano

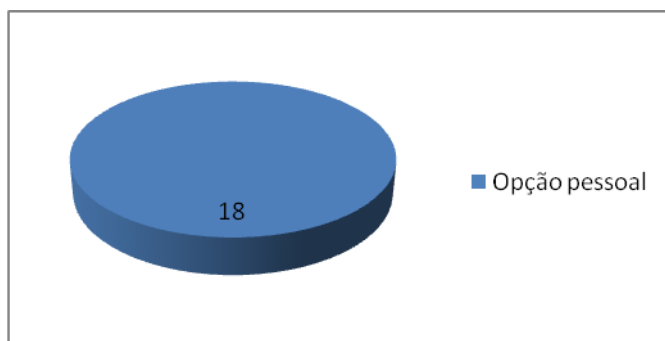
Questão um - Ao longo destes quatro anos estiveste sempre inscrito em EMRC?



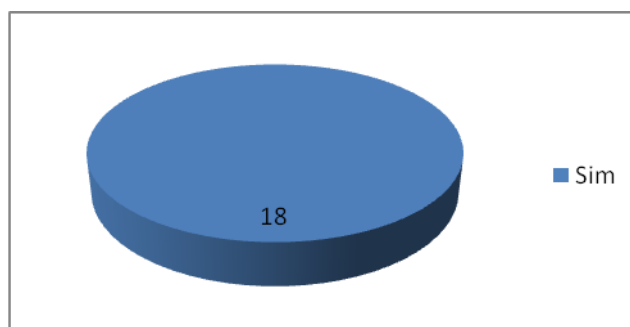
Questão dois - No quinto ano tiveste oportunidade de optar pela disciplina ou foi uma escolha dos teus pais?



Questão três - E no oitavo, pudeste escolher?

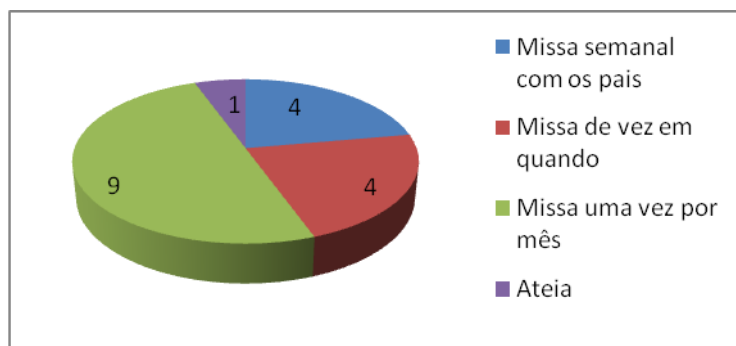


Questão seis - No próximo ano vais continuar inscrito?



Questão sete - Os teus pais são católicos? Com que regularidade vão à missa? E tu?

Todos afirmaram que os pais são católicos, exceto uma aluna que se afirmou como atea. Em relação à frequência na eucaristia dominical, os resultados foram os seguintes:



f.2) Análise qualitativa ou de conteúdo

Para que a análise dos dados seja fidedigna, recorri à análise do conteúdo estabelecendo algumas categorias. Recorre-se à “análise de conteúdo, cujo propósito é o estabelecimento de categorias, para poder analisar sistematicamente os dados obtidos a partir de documentos”⁷⁹.

Em primeiro lugar, propus-me perceber quais os aspetos mais importantes a ter em conta na escola, acerca da EMRC. Para isso, estabeleci duas categorias que considereei essenciais para poder fazer uma análise mais aprofundada neste campo de ação. Assim, as categorias consideradas foram:

Categoria I – Saber porque é que os alunos se inscrevem em EMRC.

Categoria II – Saber se os alunos gostam da disciplina e se esta é importante para a sua formação.

Depois disto, estabeleci as subcategorias que considereei mais pertinentes, elaborando assim, três questões para o quinto ano e duas para o oitavo ano, de forma a obter as respostas. Estas foram utilizadas juntamente com as descritas em cima da pesquisa quantitativa e no mesmo momento de ação.

⁷⁹ J.BELL, *Como realizar um projecto de investigação*, p. 97.

Questão quatro – Que opinião tens sobre a disciplina?

<p>Categoria II – Saber se os alunos gostam da disciplina e se é importante para a sua formação</p>	- Gosto das aulas porque me ajuda a perceber a vida dos outros meninos
	- As aulas são boas para conhecer melhor o mundo
	- É muito importante porque para além de aprendermos sobre a vida cristã também podemos aprender como ultrapassar as dificuldades da vida
	- Gosto desta disciplina porque acho interessante e relaxante para quem tem problemas pessoais
	- Gosto de aprender o que aconteceu antes e depois de Cristo
	- Ensina-nos a sermos mais amigos e a darmos bem com todos
	- Acho que é muito boa para a educação futura e para o civismo
	- É uma disciplina importante e ajuda-me a tomar decisões certas ao longo da vida
	- É importante para a nossa vida ser levada pelos caminhos de Deus
	- A minha opinião sobre estas aulas é que elas são muito interessantes e acho que todos os alunos da escola deviam estar nesta aula
	- A minha opinião é que esta disciplina é tão importante como as outras e gosto desta disciplina porque aprendo coisas que nunca soube
	- É importante para os nossos conhecimentos
	- Gosto muito porque falamos de Deus e de Jesus e a professora é simpática
	- Ajudou-me a perceber muitas matérias e a professora tirou-nos muitas dúvidas
	- É uma disciplina boa onde aprendemos a ser melhores
	- Acho que nos ensina a nossa moralidade e como devemos ser
	- Gosto das aulas porque conversamos muito
	- Gosto das aulas porque a professora faz muitas dinâmicas
	- Gosto das aulas porque aprendo coisas novas sobre Jesus
	- Acho as aulas interessantes
	- Acho que as aulas tratam temas atuais que são interessantes
	- Gosto das aulas porque estou com os meus amigos e também posso falar com eles
	- As aulas são divertidas
- Nas aulas aprendo coisas novas	
- Ajudam-me a ser melhor e a gostar de todos os meninos	
- Gosto das aulas porque são muito divertidas	

Questão cinco - Vais voltar a inscrever-te no próximo ano letivo? Porquê?

Categoria I – Saber porque os alunos se inscrevem em EMRC	- Porque é muito educativa
	- Porque quero saber mais sobre esta aula
	- Porque continuarei a precisar de ajuda para a vida
	- Porque a minha mãe quando era pequena também frequentava esta disciplina e eu também quero frequentar
	- Porque gosto desta disciplina
	- Porque gosto dos colegas e gosto desta disciplina
	- Porque a disciplina é importante
	- Porque gostei muito deste ano letivo
	- Porque aprendemos ensinamentos católicos
	- Porque quero aprender mais coisas
	- Porque gosto da professora que nos está a acompanhar, é divertida e também acho que a disciplina me está a ajudar
	- Porque quero aprender mais sobre isto
	- Porque gosto da disciplina e aprendo muito com ela
	- Porque quero
	- Porque gosto de aprender
	- Porque gosto de participar nestas aulas
	- Porque acho que as aulas nos ensinam muito
	- Porque gosto de andar informada
	- Porque adoro aprender
	- Porque quero aprender mais
	- Porque aprendo muito com a aula e nos ensina coisas sobre Jesus
- Porque gosto de saber mais	
- Porque vai haver novas matérias	
- Porque é boa	
- Porque gosto	
- Ainda não me decidi.	

Questão seis – Achas que foi importante teres estas aulas para a tua formação pessoal? Porquê?

Categoria II – Saber se os alunos gostam da disciplina e se é importante para a sua formação	- Porque nos ajuda a agir
	- Porque também posso dizer aos meus pais
	- Porque me ajuda a perceber melhor a vida
	- Porque é muito educativa
	- Porque me ajuda para a vida
	- Porque me ajuda a ser mais amigo
	- Porque me ensina coisas boas
	- Porque me dá bases para a minha vida

	- Porque me ensina a ser melhor e a portar-me melhor
	- Porque me ajuda a ser melhor
	- Porque me ajuda a portar melhor e os meus pais querem que eu me porte bem
	- Porque aprendo coisas que não falamos nas outras disciplinas
	- Porque falamos de coisas divertidas e aprendo muito
	- Porque nestas aulas os temas são diferentes
	- Porque me ensina novas regras
	- Porque me ensina coisas boas e muito importantes
	- Porque me ajuda a saber conviver e aprendo coisas importantes para a minha vida
	- Porque me ajuda a não ser tão envergonhada
	- Porque me ajuda a conviver mais com os outros
	- Porque é importante para ouvir os outros
	- Porque me ajuda a saber estar na escola
	- Porque me ajuda para as outras disciplinas
	- Porque me ajuda a ser melhor
	- Porque posso falar de temas importantes e dialogar sobre eles, com os meus colegas
	- Porque me ajuda a portar bem
	- Porque me ajuda a perceber os outros, os pais, os professores e os colegas

8º Ano

Questão quatro - Em que é que a disciplina contribui para a tua formação?

Categoria II – Saber se os alunos gostam da disciplina e se esta é importante para a sua formação	-Aborda assuntos interessantes para a minha formação e cultura geral
	- Permite-me estar mais informada
	- Contribui para que me aproxime mais da minha religião e aprendo mais sobre o mundo onde vivo para que o consiga compreender melhor
	- Permite ter mais conhecimentos sobre o que se passa no mundo, sobre os problemas que tem existido ao longo dos últimos anos
	- Ajuda-me a ter mais educação e transmite-nos o que se passa de bem e de mal no mundo
	- Ajuda-nos a tomar decisões
	- Ajuda-me a estabelecer metas para a minha vida de agora e do futuro
	- Ter mais cultura
	- Aprender mais sobre os valores
	- Ser mais sociável

	- Ser mais culto
	-Vai contribuir muito para o meu futuro
	- Ter mais conhecimentos e ser mais culta
	- Para ser mais sociável e saber relacionar-me com os meus amigos
	- Ajuda-me a ter mais educação e a preocupar-me com os outros pois tenho que ser mais solidária
	- Ajuda-me a aprender a viver em sociedade
	- Ajuda-me a estar alerta para os perigos da vida e a estabelecer medidas para o meu futuro
	- Faz-me pensar sobre muitas questões importantes

Questão cinco - Porque continuas inscrito?

Categoria I – Saber porque é que os alunos se inscreveram em EMRC	- Porque gosto de saber mais
	- Porque acho que moral é uma disciplina muito importante
	- Porque gosto das aulas e gosto de estar informada
	- Porque acho que a aula me ensina muito
	- Porque adoro aprender mais
	- Porque me mantém atualizada e aprendo muito com as discussões que fazemos dos diversos temas
	Porque gosto de aprender novas coisas sobre o mundo e preciso de aprender como lidar com ele
	- Porque gosto dos temas que se aborda e gosto muito da disciplina
	- Porque gosto do à vontade que se tem nas aulas para falar de variadíssimos temas
	- Porque gosto de andar informada
	- Porque gosto das aulas e das visitas de estudo pela convivência
	- Porque quero, não tenho motivo em especial
	- Porque contribui para melhorar os meus conhecimentos
	- Porque gosto imenso da disciplina e os temas são super atuais
	- Porque me dá uma visão diferente do mundo em que vivo e me dá algumas respostas com as quais ainda não me tinha confrontado
	- Para ter mais cultura e estar atualizada porque temos outra visão dos temas que abordamos
	- Porque gosto da disciplina
- Porque é divertida e acho muito interessante	

g) – Interpretação dos dados

Em parte, estas entrevistas que realizei, foi interessante constatar que, se no quinto ano são os pais que tomam a decisão da inscrição dos filhos em EMRC (cerca de sessenta por cento), já no oitavo ano, são os alunos que têm nas suas mãos essa decisão.

Não consegui entender muito bem se, apesar de ser uma opção dos pais, o fazem por uma convicção ou se o fazem para que a criança não tenha tempos livres na escola, ou antes não tenham furos no horário, que sejam uma forma de estar desocupado e sem vigilância constante de um adulto.

Cerca de sessenta e um por cento dos alunos, quando chegaram à escola não sabiam o que era a disciplina de EMRC e cinquenta e sete por cento desses alunos, não sabiam que a disciplina era opcional. Ora isto quer, desde logo, dizer que a maioria dos pais, quando matriculam os seus filhos e os inscrevem na disciplina, não lhes pedem a sua opinião nem lhes explicam o que é a disciplina; deixam para os professores essa tarefa, ou então cada um vai percebendo a disciplina, no decorrer do ano letivo.

No entanto, convém lembrar que os alunos têm entre dez e doze anos e por isso, são os pais os responsáveis por estes alunos, crianças sem as competências necessárias para tomarem as suas próprias decisões.

Noventa e seis por cento dos alunos do quinto ano afirmaram que se iriam voltar a inscrever na disciplina, no ano letivo seguinte. Os alunos, no segundo ciclo, são essencialmente motivados pelas dinâmicas, pelo diálogo que se estabelece, pela empatia ou não com a professora e pelo convívio com os colegas, num ambiente diferente do das outras disciplinas. Considero que os alunos respondem mais superficialmente a esta questão porque, nesta faixa etária, não aprofundam muito as questões abordadas e ainda não percebem muito bem as perspetivas que são dadas relativamente aos temas; agem mais pela amizade estabelecida entre os pares.

Cem por cento dos alunos afirmaram que consideram a disciplina importante para a sua formação pessoal.

Cem por cento dos alunos do quinto ano afirmaram que os pais são católicos mas, apenas vinte e três por cento vão à missa semanalmente. Isto parece uma amostra significativa da sociedade portuguesa atual.

Relativamente aos alunos do oitavo ano, todos os alunos afirmaram que a opção pela frequência na disciplina foi deles. Já quando estiveram inscritos no quinto ano, quarenta e quatro por cento dos alunos afirmaram que a opção pela frequência foi tomada em conjunto com os pais, trinta e três por cento dos alunos referiram que foi uma opção deles e vinte e dois por cento afirmaram que foi uma decisão dos pais.

Posso concluir que, à medida que os alunos vão avançando na sua escolaridade, os pais permitem que sejam eles a optar pela frequência da disciplina. A análise em relação aos alunos entrevistados no quinto ano é incongruente pois, aqui, foram cerca de sessenta por cento dos pais que tomaram essa decisão.

Não sei se a diferença de quatro anos passados quer dizer alguma coisa, em relação à sociedade atual, ou se os alunos, que estão agora no oitavo ano, não são tão precisos nesta questão da opção no quinto ano.

No oitavo ano, com raras exceções e se não houver “problemas” de empatia com o/a docente, os alunos optam pela disciplina, por considerarem que é importante pelos temas que são abordados, por uma questão de cultura e pela formação que esta lhes permite.

Para puderem tomar as suas próprias decisões no futuro, consideram bastante pertinentes as estratégias utilizadas, não só para abordarem os conteúdos, mas também as dinâmicas que servem como chaves de leitura da vida, (conforme podemos verificar no quadro atrás relativamente às questões quatro e cinco), pelo contributo que a disciplina dá para a formação pessoal de cada um.

Quanto às questões relativas à inscrição no ano letivo seguinte, onde todos os alunos, de quinto (exceto um) e oitavo anos afirmavam que iriam renovar a inscrição, pude constatar que neste ano todos o fizeram. Mesmo o aluno, do quinto ano que afirmou que ainda não sabia, está novamente inscrito este ano.

Em relação à questão acerca da religião dos pais, posso facilmente verificar que a tradição ainda tem um peso bastante grande na inscrição dos alunos em EMRC, ou seja são pais católicos que continuam a inscrever os filhos. No entanto, os pais, maioritariamente, não vão à missa semanalmente. Isto poderá ser um contra censo porque, apesar de serem católicos, parece-me que a inscrição dos filhos nesta disciplina não é exclusivamente devido a este dado relevante.

“A educação religiosa e moral tem, para todos os alunos, uma função de informação e de reflexão sobre os diversos aspetos da fé cristã e de diálogo entre a fé e a cultura e sobre

as suas consequências na vida pessoal e social.”⁸⁰ Neste sentido, considero estarmos a cumprir o nosso papel, pelo menos, relativamente ao que a mim diz respeito. É isto que procuro fomentar todos os dias nos meus alunos, abrir o leque das opções e, quando possível, ajudar a optar.

Nesta minha pequena experiência de professora de EMRC, apesar de não ter feito nenhuma pergunta acerca da imagem que os alunos têm, nestas idades, de Deus, penso que esta é aquela que lhes é transmitida na catequese, ou pelos pais, sem se interrogarem muito. Constatado que os alunos não têm uma opinião concreta, e que, à medida que vão crescendo, como é natural, as dúvidas e inquietações vão também sendo cada vez maiores. No entanto, penso que é aqui que o meu papel de professora pode ser um marco.

⁸⁰ D. SERRALHEIRO, *O acto educativo religioso e moral*, p. 155.

VII – Reflexão: família – escola - sociedade

Apraz-me agora falar um pouco acerca da relação tão importante que deve haver entre a família, a escola e a sociedade (na sua individualidade, bem como no seu conjunto), na importância do religioso e, concretamente aqui, no papel dos professores de EMRC na participação de todos na formação integral da pessoa humana.

O Homem é um todo. A formação, quando se diz integral deve ser refletida e supervisionada por todos os agentes. Cada sociedade tem as suas especificidades e, muitas vezes, os povos são identificados por características físicas mas também psicologias e religiosas.

Quando nasce uma criança, começa o seu processo de socialização que não mais termina ao longo da sua vida. O bebé, que nos primeiros anos de vida precisa sempre dos adultos, carece de afetos para poder ir definindo a sua forma de estar e de encarar a vida. A criança estabelece contacto, que tem que ser físico no início, tão importante para que se identifique com os outros.

Os pais têm o papel principal, são os primeiros agentes de socialização, são os primeiros a transmitir afetos, são os primeiros a fazer perceber que existem regras, que são seres de relação, que são fruto muitas vezes do processo que é feito com eles.

Quando chega à creche ou à escola, esta primeira fase já deve estar realizada, ou pelo menos começada, e aí são os professores que ajudam a criança nesta nova fase de pertença a um grupo específico da sociedade. A criança percebe que há outros como ele, que fazem o mesmo caminho; tem que aprender a dividir, a viver em comunidade, percebe que só com ajuda de pares consegue fazer coisas que sozinho não é possível, que precisa dos outros para brincar, que aprende com os que são seus semelhantes.

A escola, como socializadora secundária, assume um papel bastante pertinente. Ajuda a criança a perceber que não existe apenas a família; impõe limites, estabelece objetivos, desenvolve competências tão importantes que ajudam a criança mais tarde a definir o processo que quer percorrer. Quando começa a entender, a distinguir o bem do mal, o certo do errado, poderemos ajudá-lo a estabelecer a sua escala de valores. Certo é que os valores vão sendo transmitidos através essencialmente de modelos; mas terão muito mais sucesso, serão interiorizados de uma forma mais concreta quando a criança ou adolescente já for capaz de se interrogar, de criticar e de dar algumas razões para a sua posição.

Nesta fase, e sem descaracterizar a importância dos pais, entra o papel dos professores de EMRC. É certo que são os professores primários que são modelos para as crianças. Estes parecem não só como aqueles que ensinam e impõem regras, mas também com os que são afetuosos para com ela. Quando surge o professor de EMRC, a sua tarefa à partida, já estará mais facilitada, no sentido em que a criança ou adolescente já experimentou esta identificação, já é capaz de se projetar noutra adulto.

O professor de EMRC é importante hoje nas escolas, porque muitas vezes os outros não têm essas preocupações, não têm tempo, não sabem ouvir as crianças. É aquele que dá chaves de leitura do religioso, o que inquieta com as suas questões, com a sua forma como lê a vida e dá diretrizes para ela. É ele quem se preocupa com as competências a desenvolver nos programas que leciona, mas também tem tempo para os temas da vida, para dar chaves de leitura para a sociedade, para a família, para o ser em relação com os diversos pares.

O professor de EMRC prima por ser discordante, por não se acomodar só para ser a favor das maiorias; não se importa de ter que se desinstalar para proteger os seus alunos, para ajudá-los nas contingências da vida, ajudá-los a compreender que são apenas seres frágeis que precisam do outro para crescer. E também cresce com isso. Procura, junto das famílias, por vezes, ser elo entre elas e a escola, de uma forma subtil, sem criticar por criticar, sendo mais ação do que mero espectador neste processo de crescimento do indivíduo.

Ele relaciona-se com Deus, busca na intimidade da oração conhecê-Lo melhor para O dar a conhecer, busca em Deus a força para não esmorecer, mesmo sabendo que nunca conhecerá Deus plenamente, não cessa de O procurar para que a sua boca seja um meio para que Ele fale. É através dele que o aluno chega a respostas sobre Deus que o inquietam e que ele, reconhecendo as suas limitações humanas, ajuda o aluno a perceber também a sua finitude.

Os riscos que apresento são apenas riscos; continuamos a viver e a caminhar apesar dos percalços; o mais importante é sabermos que há riscos, mas que temos que ser inteligentes, temos que arriscar. Nem sempre as coisas dão certo, nem sempre vão de encontro às nossas expectativas, mas sabemos que, se fizermos da forma que melhor sabemos, se educarmos os adolescentes e jovens para estarem preparados para as opções corretas, para serem atores principais na vida, então a família, a escola, o professor em concreto, o grupo, todos juntos podemos afirmar que cumprimos o nosso papel e que demos o nosso contributo tão imprescindível à sociedade.

Para um enquadramento mais concreto da minha reflexão, recorro às respostas dadas pelos meus alunos ao questionário efetuado. O papel do professor de EMRC é importante para que os alunos percebam que o facto de ser cristão implica uma proximidade com Deus maior do que aquela a que estão habituados a observar em casa (uma minoria dos pais vão à missa com regularidade, apesar de se dizerem católicos).

Relativamente ao contributo que a disciplina dá para a formação destes jovens, encontrei respostas que vem reforçar aquilo que foi exposto ao longo desta reflexão. Os alunos afirmam que “me ajuda a perceber melhor a vida”, “me dá bases para a minha vida”, “me ensina novas regras”, “é importante para ouvir os outros”, “me ajuda a saber estar na escola”, “me ajuda a perceber os outros, os pais, os professores e os colegas”, “aborda assuntos interessantes para a minha formação e cultura geral”, “permite-me estar mais informada”, “ajuda-me a aprender a viver em sociedade”, “ajuda-me a estabelecer metas para a minha vida de agora e do futuro”, “aprender mais sobre os valores”, “contribui para que me aproxime mais da minha religião e aprendo mais sobre o mundo onde vivo para que o consiga compreender melhor”.

Se, por um lado, posso concluir que a disciplina ajuda na formação integral da pessoa humana, o papel do professor de EMRC é preponderante para que os jovens se sintam bem e felizes na sala de aula. Assim, quando questionados sobre a opinião que têm da disciplina, e que os leva a continuarem inscritos, as suas opiniões basearam-se em: “é uma disciplina boa onde aprendemos a ser melhores”; “acho que é muito boa para a educação futura e para o civismo”; “é uma disciplina importante e ajuda-me a tomar decisões certas ao longo da vida”; “é muito importante porque para além de aprendermos sobre a vida cristã também podemos aprender como ultrapassar as dificuldades da vida”; “gosto do à vontade que se tem nas aulas para falar de variadíssimos temas”; “dá-me uma visão diferente do mundo em que vivo e dá-me algumas respostas com as quais ainda não me tinha confrontado”; “para ter mais cultura e estar atualizada porque temos outra visão dos temas que abordamos”.

VIII – Conclusão

Ao longo deste trabalho no âmbito de um mestrado, vi que, apesar da família ainda se assumir como socializadora primária na vida de uma criança e a escola intervir como socializadora secundária, esta tem cada vez mais um papel ativo neste processo.

Muitos pais, preocupados com os seus afazeres, esquecem-se do seu papel como principais modelos na educação cristã dos filhos. Prova disso, por exemplo, é o facto de eles serem cada vez menos assíduos na missa semanal (as suas atitudes não são coerentes com o que tentam transmitir); deixando à escola a formação integral dos seus filhos, exigindo-lhes responsabilidades que lhes são próprias.

As estratégias utilizadas pelo professor de EMRC para motivar os alunos a saberem estar, ajuda de uma forma concreta a que eles também interajam nesta educação para os valores.

A escola apresenta-se, não apenas como um local de aprendizagens de um vasto currículo, mas para a maioria dos alunos, como local de socialização primária, que foi deficitária na infância.

Com este trabalho pude também perceber que os alunos têm consciência que a disciplina, mais concretamente o papel do professor de EMRC, contribui ativamente para a sua organização da escala dos valores.

Algo mudou ao longo da execução deste trabalho. Sempre que paramos para avaliar as nossas práticas, se formos coerentes, algo muda. Muda a forma de olhar o aluno, de olhar os colegas, de olhar os amigos, os vizinhos, os desconhecidos e até os filhos e o marido. Quando refletimos a vida, a relação com Deus e com os outros, de certeza que nos tornamos melhores. Muitas são as hostilidades que surgem mas é sempre possível ser melhor.

Outro aspeto que foi para mim importante é que temos muitos autores que refletem sobre isto, sobre a vida e os jovens, sobre as famílias e se preocupam com elas, com as escolas e os seus alunos, que pensam na sociedade que estamos a construir e na ajuda que dá ou não aos seus cidadãos.

Sei que este trabalho pode ser considerado por muitos um pouco piegas mas foi muito importante fazê-lo pois me aproximou mais dos alunos, dos colegas, dos outros e de Deus.

Ao concluir esta reflexão, tenho a consciência que muito ficou por dizer, que muito fica por fazer, apenas sei que para mim valeu a pena.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV., *Educação, um tesouro a descobrir*, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, 2ª Edição, Edições Asa, Porto, 1996.
- AA.VV., *Vida, Escola e Religião no imaginário juvenil*, Secretariado Nacional do Apostolado de Oração, Braga, 2002.
- AGUADO, Maria José Diaz, *Encontro a escola e a interculturalidade*, Pelouro da educação da Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 2003.
- ALCANTARA, José António, *Como educar as atitudes*, Ed. Plátano, 3ª edição, Lisboa, 1998.
- ALTE DE VEIGA, Manuel, *Vida, Violência, Escola, Família*, 3ª Edição, Edições APPACDM de Braga, Braga, 2003.
- BELL, Judith, *Como realizar um projecto de investigação*, Ed. Gradiva, Lisboa, 1997.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A escola em Portugal – Educação integral da pessoa humana*, Carta Pastoral, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2008.
- DUQUE, João Manuel e DUQUE, Olga Fernandes, *Educar para a diferença*, Societas-Colecção de estudos sociais, Ed. Alcalá / UCP, Braga, 2005.
- FERNANDES, Rogério, *Encontro a escola e a interculturalidade*, Pelouro da educação da Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 2003.
- IGREJA CATÓLICA, *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Lisboa, 1999.
- LEANDRO, Maria Engrácia, *Transformações da família na história do ocidente*, in «Theologica», 2ª série, 41, 1 (2006).
- LOURENÇO, Orlando M, *Psicologia do desenvolvimento moral*, Livraria Almedina, Coimbra, 1992.
- MALHOTRA, Naresh K., *Pesquisa de Marketing, uma orientação aplicada*, 3ª edição, Bookman, Porto Alegre, 2001.
- MARQUES, Ramiro, *Ensinar valores: Teorias e Modelos*, Porto Editora, Porto, 1998.
- MARQUES, Ramiro, *Valores Éticos e Cidadania na Escola*, Editorial Presença, Lisboa, 2003.

- NEUENSHWANDER, Markus, *Desenvolvimento e identidade na adolescência*, Ed. Almedina, Coimbra, 2002.
- PEREIRA, Jorge Augusto, *Nós e o mundo. Manual de Educação Moral Religiosa Católica*, 6º ano, Secretariado nacional de Educação Cristã, Gráfica de Coimbra Lda, Coimbra, 2009.
- VAZ DE ANDRADE, Júlio, *Os valores na formação pessoal e social*, Texto Editora, Lisboa, 1992.
- RATZINGER, Josephe; D'ARCAIS, Paolo Flores; *Existe Deus? – Um confronto sobre verdade, fé e ateísmo*, Ed. Pedra Angular, Lisboa, 2009.
- SERRALHEIRO, Deolinda, *O Acto Educativo Religioso e Moral*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 1993.
- STOER, Stephen, *Escola-Família – Uma relação de reconfiguração*, Coleção Ciências da Educação, Porto Editora, Porto, 2005.
- TEDESCO, Juan Carlos, *O novo pacto educativo*, Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 2000.
- NUNES, Tomaz da Silva, *O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica* in Fórum de EMRC, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2005.
- VEIGA, Américo, *A Educação Hoje*, Editorial Perpétuo Socorro, V.N.Gaia, 2005.

Texto convertido pelo conversor da Porto Editora, respeitando o Acordo Ortográfico de 1990.